



FESTIVAL DE MÚSICA CAPUCHOS

ALMADA ~ PORTUGAL

29 MAIO > 21 JUNHO
2024

FESTIVAL DE MÚSICA DOS CAPUCHOS
2024



ÍNDICE

Apresentação

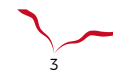
Inês de Medeiros <i>Presidente da Câmara Municipal de Almada</i>	6
Filipe Pinto-Ribeiro <i>Director Artístico do Festival de Música dos Capuchos</i>	8

Programa

Concerto de Abertura – A Quinta Sinfonia de Beethoven.....	12
Quadros de uma Exposição – Em Memória de António Mega Ferreira.....	16
Elisabeth Leonskaja – Mozart, Webern, Schubert, Beethoven.....	24
Na Colónia Penal – Ópera de Philip Glass.....	28
A Liberdade do Virtuoso – Paganini Ensemble Vienna.....	32
Cantus Prius Factus ou a Liberdade de Recompor no séc. XVI – Arte Minima.....	36
Change: Grândola e outras Canções Revolucionárias.....	40
Schostakovich e Estaline – Filipe Pinto-Ribeiro e Juventus Ensemble.....	42
Filhos da Revolução – Júlio Resende e Fado Jazz Ensemble.....	46
Chopin, Inspiração de Liberdade – Roman Fediurko.....	48
Concerto de Encerramento – Orquestra de Berlim “Metamorphosen”.....	52
Poslúdio dos Capuchos – Schubert e Beethoven, Espíritos de Liberdade.....	56

Artistas Por ordem de concerto

Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo”.....	60
Victor Julien-Laferrière.....	61
Filipe Pinto-Ribeiro.....	62
Filipa Leal.....	63
Pedro Lamares.....	64
Elisabeth Leonskaja.....	65
Martim Sousa Tavares.....	66
Miguel Loureiro.....	67
Miguel Pereira.....	68



Artistas Por ordem de concerto (cont.)

André Henriques.....	69
Frederico Projecto.....	70
Paganini Ensemble Vienna.....	71
Mario Hossen.....	72
Marta Potulska.....	73
Liliana Kehayova.....	74
Alexander Swete.....	75
Arte Minima.....	76
Pedro Sousa Silva.....	77
Elsa de Lacerda.....	78
Nathanaël Gouin.....	79
Juventus Ensemble.....	80
Stephan Picard.....	81
Tomás Soares.....	82
Sofia Silva Sousa.....	83
Geirthrudur Gudmundsdottir.....	84
Júlio Resende.....	85
Bruno Chaveiro.....	86
Alexandre Frazão.....	87
André Rosinha.....	88
Roman Fediurko.....	89
Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen”.....	90
Wolfgang Emanuel Schmidt.....	91
DSCH - Schostakovich Ensemble.....	92
Carolin Widmann.....	93
Lilli Maijala.....	94
Christian Poltéra.....	95
Tiago Pinto-Ribeiro.....	96
Conversas dos Capuchos, Prelúdios, Visita, Caminhada e Masterclasses.....	98
Informações úteis.....	101
Calendário geral.....	102





INÊS DE MEDEIROS

Presidente da Câmara Municipal de Almada

“A ARTE deve ser livre porque o acto de criação é em si um acto de liberdade. Mas não é só a liberdade individual do artista que importa. Sabemos que quando a Arte não é livre o povo também não é livre. Há sempre uma profunda e estrutural unidade na liberdade. Onde o artista começa a não ser livre o povo começa a ser colonizado e a justiça torna-se parcial, unidimensional e abstrata.(...)”

A demagogia é a traição cultural da revolução. Porque a demagogia é a arte de ensinar um povo a não pensar. Um provérbio africano diz: Uma palavra que está sempre na boca transforma-se em baba. Não queremos continuar a suportar a baba dos slogans.(...)”

A cultura é cara. A incultura acaba sempre por sair mais cara. E a demagogia custa sempre caríssimo.”

A 12 de Julho de 1975, Sophia de Mello Breyner, então deputada da Constituinte escreve um artigo de opinião no Expresso onde estabelece muito claramente a importância de uma cultura livre mas também identifica os perigos que a ameaçam. Hoje, o contexto político é totalmente diferente, mas alguns destes perigos voltam a surgir pelo que é imperativo, especialmente neste momento em que se celebram os 50 anos da revolução de abril, que as suas palavras sejam recordadas.

Não apenas recordadas, mas vividas, adoptadas, incorporadas, encarnadas, em cada gesto de criação e de programação.

A programação do **Festival de Música dos Capuchos** deste ano, é sinónimo disso mesmo. É uma celebração da expressão intemporal da Liberdade e por isso aborda-a nas suas múltiplas perspectivas, ao longo da História da Música: liberdade de criação, liberdade de interpretação, liberdade de quebrar dogmas, liberdade da vanguarda.

Este ano acolhemos a interpretação de obras de compositores extraordinários como Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Chopin, Paganini e Schostakovich e de compositores renascentistas, como o português Pedro de Cristo.

Entre estas obras está também a ópera de Philip Glass, “Na Colónia Penal”, que novamente nos remete para a memória da resistência e da luta pela liberdade pela qual tantos foram votados ao encarceramento e à opressão.

Este ano homenageamos também António Mega Ferreira, figura incontornável da Cultura portuguesa no pós-25 de Abril, para quem esta não era apenas uma contemplação longínqua, mas força motriz do nosso próprio ser, e a quem devo tanto do meu próprio percurso criativo.

Continuamos a aposta nas já celebradas **Conversas dos Capuchos**, que se irão debruçar sobre três vultos literários – Kafka, Sebastião da Gama e Luís Vaz de Camões, cujos 500 anos do seu nascimento também celebramos

em 2024, bem como um extenso conjunto de actividades de formação e sensibilização no **Convento dos Capuchos**.

É precisamente o Convento que dá nome ao Festival que acolherá a maior parte dos concertos, conversas e actividades, mas este irá também *deambular* por esta nossa Almada, este território de muitos, com apresentações no Teatro Municipal Joaquim Benite e no Auditório Fernando Lopes-Graça.

O **Festival de Música dos Capuchos**, em ano de celebração do cinquentenário daquela que é a nossa maior conquista colectiva, assume-se, no âmbito da sua missão de democracia cultural, como espaço de reflexão e memória, mas acima de tudo de esperança.

Um agradecimento especial ao Filipe Pinto-Ribeiro, que tem a responsabilidade de construir o Festival e da Direcção Artística, ao mecenas e parceiro do evento, a Fundação BPI/La Caixa, e a todos os outros parceiros que aceitaram participar connosco neste projecto.



FILIPE PINTO-RIBEIRO

Director Artístico do Festival de Música dos Capuchos

Neste ano de 2024 em que celebramos o **cinquentenário do 25 de Abril**, o Festival de Música dos Capuchos é inspirado pela(s) ideia(s) de Liberdade ao longo da História da Música.

Entre **29 de Maio e 21 de Junho**, o Festival dos Capuchos trará a Almada músicos e orquestras de referência nacional e internacional para uma série de concertos imperdíveis, no local que dá nome ao Festival, o **Convento dos Capuchos**, e ainda no **Teatro Municipal Joaquim Benite** e, pela primeira vez, no **Auditório Fernando Lopes-Graça**.

Estarão presentes artistas e *ensembles* de renome, entre os quais é de realçar, desde logo, a estreia em Portugal de um dos projectos orquestrais mais audaciosos dos últimos anos, a **Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo”** que, sob a direcção de **Victor-Julien Laferrière**, abrirá o festival com a **5ª Sinfonia de Beethoven**, obra-prima indiscutível e poderosa evocação da luta contra as adversidades e do triunfo da Liberdade.

Destacam-se ainda os concertos de estreia em Portugal de outros agrupamentos da vanguarda musical europeia, como o **Paganini Ensemble de Viena** e a **Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen”**, sob a direcção de **Wolfgang Emanuel Schmidt**.

Entre os grandes solistas internacionais que marcarão presença nesta edição, realce para a lendária pianista **Elisabeth Leonskaja**, a violinista alemã **Carolin Widmann**, o violoncelista suíço **Christian Poltéra** e o jovem pianista ucraniano **Roman Fediurko**, vencedor do prestigiado Concurso Internacional Horowitz em 2023, que interpretará obras de **Chopin** neste que será o seu recital de estreia no nosso país. A presença nacional estará a cargo de agrupamentos de referência, entre os quais o *ensemble* renascentista **Arte Minima** e o **Schostakovich Ensemble**, e de músicos como o pianista **Júlio Resende**, com o seu **Fado Jazz Ensemble**, o maestro **Martim Sousa Tavares** e a violetista **Sofia Silva Sousa**, entre muitos outros. Na composição, o destaque

vai para obras de **Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Chopin, Paganini e Schostakovich**; obras de compositores renascentistas, como o português **Pedro de Cristo**; e a ópera de **Philip Glass “Na Colónia Penal”**, a partir do conto homónimo de **Franz Kafka**. É ainda de realçar a estreia mundial de uma nova obra da premiada compositora portuguesa, residente em Nova Iorque, **Andreia Pinto Correia**, dedicada a **Natália Correia** e à Revolução dos Cravos, e o concerto de homenagem póstuma a **António Mega Ferreira**, um dos maiores vultos da cultura e do pensamento portugueses do pós-25 de Abril.

O ciclo das já emblemáticas **Conversas dos Capuchos**, com curadoria e moderação de **Carlos Vaz Marques**, será dedicado a três efemérides literárias de 2024 – o centenário da morte de **Franz Kafka**, o centenário do nascimento de **Sebastião da Gama** e os 500 anos de **Luís Vaz de Camões** –, com a presença de convidados como **Alberto Manguel, José Carlos Seabra Pereira, Maria Bochichio, Nuno Amado, José Gardeazabal e Viriato Soromenho-Marques**.

Nesta edição de 2024, serão ainda realizadas um conjunto de actividades de formação e sensibilização iniciadas na edição de 2023: as conversas pré-concertos denominadas **Prelúdios**

dos Capuchos com a moderação de **João Almeida**, director da Antena 2; a **Visita ao património cultural do Convento dos Capuchos**, construído no século XVI; a **Caminhada na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica**, onde está inserido o Convento; e as **Masterclasses dos Capuchos**, aulas abertas destinadas a jovens músicos e orientadas por professores dos **Conservatórios de Leipzig, Lucerna e Helsínquia**.

Neste cinquentenário do 25 de Abril, celebramos os ideais de Liberdade com uma programação que reafirma a missão do **Festival de Música dos Capuchos** como evento de referência, à escala nacional e internacional, promovendo assim o acesso democrático à cultura.

O nosso bem-haja a todos os que tornam possível a realização do **Festival de Música dos Capuchos**, em primeiro lugar à **Câmara Municipal de Almada** e aos seus serviços municipais, à **Direcção-Geral das Artes**, ao mecenas **BPI/Fundação “la Caixa”**, aos parceiros **Companhia de Teatro de Almada, Âmbito Cultural do El Corte Inglés, RTP Antena 2** e a **Sua Excelência o Presidente da República** pelo Alto Patrocínio novamente concedido.



29 MAIO 4ª feira

Teatro Municipal Joaquim Benite

18h00 Prelúdio dos Capuchos 1

Sobre Ideias de Liberdade ao longo da História da Música
 Conversa pré-concerto com João Almeida e Filipe Pinto-Ribeiro

21h00

Concerto de Abertura

Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo”

Victor Julien-Laferrière Direcção Musical

P R O G R A M A

I Parte

Ludwig van Beethoven (1770-1827) Sinfonia Nº 8 Opus 93
 1. *Allegro vivace e con brio*
 2. *Allegretto scherzando*
 3. *Tempo di Menuetto*
 4. *Allegro vivace*

II Parte

Ludwig van Beethoven Sinfonia Nº 5 Opus 67
 1. *Allegro con brio*
 2. *Andante con moto*
 3. *Scherzo. Allegro – Trio*
 4. *Allegro*

NOTAS AO PROGRAMA

Partindo da tradição clássica vienense assente na obra de Joseph Haydn e de Wolfgang Amadeus Mozart, Ludwig van Beethoven (1770-1827) depressa alcançou uma afortunada combinação entre os preceitos dos seus antecessores e o desenvolvimento de um estilo e de uma expressão altamente pessoais, tornando-se, assim, na figura dominante do panorama musical século XIX. O seu percurso divide-se, habitualmente, em três fases, datando as duas sinfonias que integram o alinhamento do presente programa do segundo período criativo do compositor. Nesta fase, Beethoven revelou-se em toda a sua independência, tomando a sua música novos rumos: a aspiração artística e a disposição moral e ética do compositor, regida pelos ideais de liberdade, fraternidade e altruísmo, moldaram a sua obra, projectando-a para fora de normas e de convenções e conferindo-lhe uma força até então inexistente.

Beethoven concluiu as partituras da Sinfonia nº 7, Opus 92 e da Sinfonia nº 8, Op. 93 no mesmo ano, 1812. A estreia da Sétima aconteceu no dia 8 de Dezembro de 1813, tendo a Oitava sido apresentada em primeira audição cerca de dois meses e meio depois, no dia 27 de Fevereiro de 1814, no Palácio Imperial de Hofburg (em

Viena), sob a direcção do próprio compositor. Ambas constituem-se, porém, como um par improvável: se a Sétima Sinfonia retomou a premência e a energia associadas às sinfonias ímpares que a precederam, a Oitava transborda uma graça e uma sagacidade quase haydnianas. Escrita na tonalidade de Fá Maior (tal como a sexta sinfonia), a Oitava é uma das mais alegres sinfonias das nove que Beethoven escreveu, evidenciando-se pela sua leveza e humor requintado. Tem quatro andamentos e apresenta uma estrutura formal extremamente condensada (quando comparada com as proporções da Sétima, a Oitava poderá parecer quase miniatral). O primeiro andamento, escrito na usual forma sonata, encontra o seu clímax dramático no início da reexposição; o segundo andamento contraria expectativas pelo facto não se apresentar como o típico número lento, salientando-se antes pelo seu carácter vivo e bem-humorado; o terceiro andamento consiste num inesperado minuete (em detrimento do scherzo então habitual); finalmente, o último andamento destaca-se pela extensão da sua coda, que ocupa praticamente metade da duração de todo o andamento. Após a conclusão da Oitava Sinfonia, Beethoven não voltaria a abordar o género sinfónico nos cerca de doze anos seguintes, ao cabo dos

quais surgiria com o seu mais exímio contributo para o mesmo, a *Sinfonia nº 9, Op. 125*.

Dedicada ao príncipe Joseph Franz von Lobkowitz e ao conde Andreas Razumovsky, a **Sinfonia nº 5, Op. 67** foi composta essencialmente entre 1807 e 1808 (existem esboços preliminares datados de 1804), tendo a sua primeira apresentação pública acontecido no dia 22 de Dezembro de 1808, em Viena, sob a batuta do próprio compositor (no mesmo dia, Beethoven fez estrear também a Sinfonia Nº 6, “Pastoral”, Op. 68). A peça inicia-se com um incisivo motivo de quatro notas – provavelmente, o mais célebre gesto musical de toda a História da Música – que reaparece depois, sob diferentes formas, nos restantes três andamentos que compõem a sinfonia, encontrando-se os terceiro e quarto andamentos ligados por uma passagem particularmente inspirada, em *stretto*, onde ocorre a transição do modo menor para o radiante *Finale* em modo maior (cumprindo-se assim um evidente pressuposto moral de caminho em direção à Luz). Cerca

de dois anos após a sua estreia, a obra foi alvo de uma recensão crítica da autoria do escritor e compositor alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822). Apoiando-se na arte de Beethoven, Hoffmann sintetizou aspectos da teoria romântica (provenientes do movimento literário alemão do início do século XIX) e transferiu-os para a esfera musical, inferindo que a *Música* (especialmente a música instrumental) deveria ser vista como a suprema arte romântica. Seria precisamente pela sua autonomia relativamente a referências e imagens, pela sua qualidade inefável, que a *Música* proporcionaria um acesso singular ao «maravilhoso reino espiritual do infinito». Tal perspectiva haveria de ganhar uma expressão filosófica mais explícita na obra seminal *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer (1788-1860), onde a Música é apresentada não como imagem das ideias (como todas as outras artes) mas sim como imagem da própria vontade, isto é, da essência metafísica do mundo.

Sónia Gonçalves da Silva



31 MAIO 6ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

Quadros de uma Exposição Em memória de António Mega Ferreira

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*Filipa Leal e Pedro Lamares *Leituras*

PROGRAMA

Modest Mussorgsky (1839-1881)	Quadros de uma Exposição <i>Em memória de Viktor Hartmann</i>
	Promenade
	1. Gnomus
	2. Il Vecchio Castello
	3. Tuilleries (Dispute d'enfants après jeux)
	4. Bydlo
	5. Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas
	6. Samuel Goldenberg und Schmuyle
	Promenade
	7. Limoges. Le marché (La grande nouvelle)
	8. Catacombae (Sepulcrum romanum)
	Con mortuis in lingua mortua
	9. A cabana sobre patas de galinha (Baba-Yaga)
	10. As Grandes Portas
	(Na Capital da antiga Rússia, Kiev)

PROGRAMA (cont.)

António Mega Ferreira (1949-2022) Antologia de textos

Escolhas de:

Marcelo Rebelo de Sousa: de *Roma – Exercícios de Reconhecimento* (ensaio, 2003)Inês de Medeiros: de *Roteiro Afetivo de Palavras Perdidas* (memória, 2022)Duarte Azinheira: de *Uma Caligrafia de Prazeres* (crónicas, 2003)Filipa Leal e Pedro Lamares: de *Amor* (novela, 2002)Filipe Pinto-Ribeiro: de *Retratos de Sombra* (biografia, 2002)Graça Morais: de *Os Olhos Azuis do Mar* (ensaio, 2005)Guilherme d'Oliveira Martins: de *Crónicas Italianas* (ensaio, 2021)João Paulo Velez: de *Padrões de Voo* (poesia, 2019)de *O Que Há-de Voltar a Passar* (narrativa, 2003)José Carlos de Vasconcelos: de *Crónicas no Jornal de Letras* (2020)José Manuel dos Santos: de *Lisboa Song* (narrativa, 2009)Margarida Pinto Correia: de *Os Princípios do Fim* (poesia, 1992)Patrícia Reis: de *A Expressão dos Afectos* (contos, 2001)Simonetta Luz Afonso: de *Roma – Exercícios de Reconhecimento* (ensaio, 2003)

NOTAS AO PROGRAMA

António Mega Ferreira foi um homem ímpar, imenso, intenso, e assim permanece em nós, nos que fomos, e somos, tocados pela sua vida e pela sua obra.

Conheci-o após a extraordinária Expo'98 – de que foi mentor e artífice –, num projecto de cruzamento entre a literatura e a música que levámos a palco na Culturgest. O António escolheu e leu passagens d'*A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, e eu toquei os dois cadernos d'*Images*, de Claude Debussy. Foi o primeiro de muitos contrapontos!

Relembro, desde logo, o Ciclo Schostakovich que programámos

em 2006, no início do extraordinário legado que nos deixou, também, à frente do Centro Cultural de Belém. Na altura, aquando do centenário do nascimento do compositor russo, toquei a integral dos seus 24 Prelúdios e Fugas Opus 87, em estreia portuguesa, e programámos ainda várias obras de referência, entre as quais o ciclo de canções sobre poemas de Miguel Ângelo, que o António cita brilhantemente no final da biografia de Schostakovich no seu livro "Retratos de Sombra". Igualmente inesquecível, o Ciclo Sofia Gubaidulina, também no CCB que, em 2011, trouxe pela primeira vez a Portugal a grande compositora russa, no seu 80º aniversário...

Mais tarde, no Porto, voltámos a cruzar-nos em palco, numa sessão do ciclo “Quintas de Leitura”, em que António Mega Ferreira foi o convidado de honra. Desafiou-me para mais um contraponto entre a literatura e a música e, após a sua inspirada leitura de poemas de Jorge de Sena, toquei Mozart, Chopin, Piazzolla...

A Filipa Leal e o Pedro Lamares também partilharam nessa noite o palco do Teatro do Campo Alegre, lendo poemas escolhidos pelo António. E agora, em 2024, voltamos os três ao palco, no âmbito do Festival de Música dos Capuchos, para honrar o nosso querido amigo!



foto: Rita Carmo

Festival de Música dos Capuchos, 20 de Junho de 2021
Conversa dos Capuchos - 700 anos da morte de Dante
 António Mega Ferreira, Jorge Vaz de Carvalho e Carlos Vaz Marques

Pensei várias vezes de que forma poderíamos homenagear António Mega Ferreira no Festival de Música dos Capuchos, onde nos deu a honra e o prazer da sua presença logo no primeiro ano do ansiado ressurgimento do festival, em 2021, conversando brilhantemente sobre Dante Alighieri, partilhando connosco a sua paixão pelo “Poeta Supremo” e lendo a sua belíssima tradução de algumas das *Rimas*...

Um dia, lembrei-me da nossa primeira conversa, em que falámos sobre *Quadros de uma Exposição*, magnífica

obra de Mussorgsky que o António apreciava especialmente na gravação do lendário pianista russo Sviatoslav Richter. Disse-lhe que tinha gravado os *Quadros* no último ano dos meus estudos em Moscovo, em 2000, e enviei-lhe o CD, no qual imediatamente identificou a influência de Richter... *Quadros de uma Exposição* tem um subtítulo, no manuscrito original, a maioria das vezes oculto nos programas de concertos e CD: “Em memória de Viktor Hartmann”. Grande amigo de Mussorgsky, Hartmann foi um destacado pintor e arquitecto

russo, tendo a sua morte causado no compositor um choque profundo – terá sido a exposição póstuma de obras de Hartmann em São Petersburgo, em 1874, a inspirar Mussorgsky na composição desta obra-prima em que recria a sua experiência pessoal num circuito imaginário pela galeria onde estariam expostas as obras do seu amigo, aventurando-se numa extraordinária reflexão musical sobre a dialética de Eros e Thanatos, amor e morte, e imortalidade...

Na minha opinião, os *Quadros* são uma das belas homenagens póstumas a um Amigo ao longo da História da Arte, e vislumbrei aqui um paralelo com a intenção de evocar o amigo António Mega Ferreira, propondo também um circuito por textos da sua autoria, escolhidos por pessoas que acompanharam de perto a sua vida e obra, uma antologia viva do seu rico e variado legado de escritor.

Recebi o entusiasmo de alguns amigos com quem partilhei esta intenção de homenagem. E logo falei sobre esta ideia germinal dos *Quadros* com o Duarte Azinheira e a Filipa Leal – pela sua proximidade única ao António, familiar, afectiva, literária –, que se disponibilizaram de imediato para o projecto, para os convites e escolhas de textos e depoimentos – o meu muito obrigado a ambos, e a todos os que contribuíram para esta antologia, tão pessoal e original, da obra literária de António Mega Ferreira!

Fogo, inteligência, inspiração, humor, dinamismo, desafio, luz, elegância, voz, acção, arte... Obrigado, querido António, e até sempre – que privilégio!

Filipe Pinto-Ribeiro,
 25 de Março de 2024

Sobre António Mega Ferreira

António Mega Ferreira (25 de Março de 1949, Lisboa – 26 de Dezembro de 2022, Lisboa) foi escritor, gestor e jornalista.

Estudou Direito e Comunicação Social, foi jornalista no Jornal Novo, no Expresso, em O Jornal e na RTP, onde chefiou a redacção da Informação do segundo canal. Foi chefe de redacção do JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias. Fundou as revistas Ler e Oceanos. Chefiou a candidatura de Lisboa à Expo'98, de que foi comissário executivo. Foi presidente da Parque Expo, do Oceanário de Lisboa e da Atlântico, Pavilhão Multiusos de Lisboa. De 2006 a 2012, presidiu à Fundação Centro Cultural de Belém. De 2013 a 2019, desempenhou as funções de director executivo da AMEC/Metropolitana.

Tem cerca de 40 obras publicadas, entre ficção, ensaio, poesia e crónicas. Em 2022, a sua obra “Crónicas italianas” foi distinguida com o Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga.

Deixou como vontade escrita a doação à cidade de Lisboa de toda a sua biblioteca pessoal, com cerca de 25.000 volumes, que será instalada no Pavilhão de Portugal.

Sobre Modest Mussorgsky

Modest Petrovich Mussorgsky (21 de Março de 1839, Pskov – 28 de Março de 1881, São Petersburgo) é considerado um dos mais geniais compositores russos.

Foi membro do influente “Grupo dos Cinco”, que colocou como objectivos renovar o meio musical russo, com raízes na tradição cultural do país, e encontrar o ritmo próprio da língua russa.

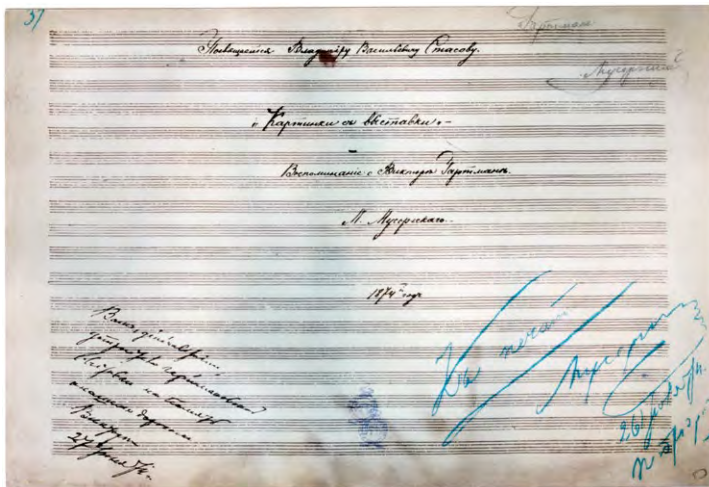
Mussorgsky utilizou como fontes

a música tradicional russa e os cantos ortodoxos, criando uma obra de singular beleza e originalidade, em que se destacam a ópera “Boris Godunov”, baseada no drama homónimo de Alexander Pushkin, e o ciclo para piano “Quadros de uma Exposição”. A obra de Mussorgsky reflecte uma originalidade e modernidade que veio a influenciar compositores como Debussy, Ravel, Schostakovich, Prokofiev e Stravinsky. Mussorgsky está para a música russa como Dostoiévsky está para a literatura. A sua estética centra-se na procura da verdade artística – para Mussorgsky, a arte é um meio de comunicar.

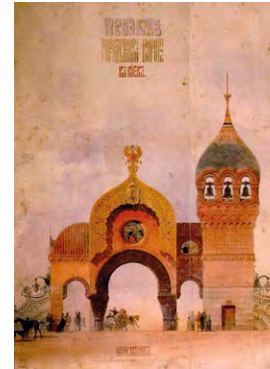
Sobre Viktor Hartmann

Viktor Alexandrovich Hartmann (5 de Maio de 1834, São Petersburgo – 4 de Agosto de 1873, Kireyev, perto de Moscovo) foi pintor e arquitecto, graduado com medalha de ouro pela Academia de Artes de São Petersburgo. Viajou durante anos por vários países europeus, pintando monumentos, cenas da vida quotidiana e retratos. Artista eclético, o seu legado abarca desde grandes projectos arquitectónicos à decoração de pequenos objectos. Criou também cenários e figurinos para ópera e bailado. Na sua obra recorreu ao imaginário popular russo, com frequentes associações a contos tradicionais. Apesar da sua curta existência, Viktor Hartmann é considerado um dos mais dotados artistas a contribuir para o renascimento do estilo nacional russo.

Sobre Quadros de uma Exposição



Modest Mussorgsky
Quadros de uma Exposição
 Fac-símile do manuscrito, 1ª folha
 Departamento de manuscritos da Biblioteca Saltykov-Schedrin, São Petersburgo



Viktor Hartmann
Projecto para as Portas da Cidade em Kiev
 Fachada principal
 Lápis, aguarela; 42,9 x 60,8 cm
 Instituto de Literatura Russa da Academia de Ciências, São Petersburgo



Wassily Kandinsky
As Grandes Portas de Kiev, Cenário
 Têmpera, aguarela e tinta sobre papel: 21,2 x 27,3 cm
 Coleção de Ciências Teatrais da Universidade de Colónia

“A cultura russa ficou órfã!” Estas foram as palavras escritas por **Modest Mussorgsky** quando tomou conhecimento da morte inesperada do seu amigo, o pintor e arquitecto Viktor Hartmann.

Compostos em 1874, como homenagem póstuma a Hartmann, “*Quadros de uma Exposição*” propõem um circuito imaginário numa galeria onde estariam expostas criações do pintor, identificadas pelos títulos das secções da obra – Mussorgsky recria assim a sua própria experiência, de quando visitou a exposição dedicada a Hartmann, em São Petersburgo, após a sua morte. A obra inicia-se com um breve “tema”, intitulado “Promenade”, que funciona como elo de ligação entre os quadros e pretende preencher o tempo que se demoraria de um quadro para o próximo, ou de uma sala para a seguinte. Exemplo magnífico de música de inspiração pictórica, os “Quadros de uma Exposição” constituem também, pelos contrastes de escrita que apresentam e exigências que colocam,

um supremo desafio às capacidades do intérprete na exploração das possibilidades do piano. Os “Quadros” não são uma simples ilustração musical, mas uma obra com uma concepção profunda e original – uma reflexão sobre a vida e a morte.

A comparação entre cada “quadro musical” de Mussorgsky e o seu equivalente pictórico de Hartmann, dá-nos uma visão interior sobre o processo criativo do compositor.

1. “*Gnomus*” – título original em latim – Desenho de um ornamento para uma árvore de Natal, representando um gnomo feio e manco. A peça de Mussorgsky é grotesca, com um toque de tragédia.

2. “*Il Vecchio Castello*” – título italiano no manuscrito original – Paisagem com um castelo medieval, sem figuras humanas, transformada por Mussorgsky numa expressiva canção de trovador.

3. *“Tuilleries” (Dispute d’enfants après jeux)* – título original em francês – A paisagem do Jardim de Tuilleries, em Paris, foi aproveitada por Mussorgsky para criar uma cena divertida, com a presença de crianças e das suas amas.

4. *“Bydlo”* – palavra polaca para “gado bovino” – no catálogo das obras de Hartmann não há referência a um quadro assim denominado. Na peça de Mussorgsky ouve-se o movimento de uma carroça puxada por uma junta de bois, emergindo uma canção de um camponês que a conduz.

5. *Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas* – título original em russo - O protótipo é a aguarela de um figurino para uma cena do bailado “Trilby”, de Julius Gerber, apresentado em São Petersburgo, no qual um grupo de crianças vestidas de passarinhos corria e saltava dentro de grandes cascas de ovo. Mussorgsky compôs um pequeno “scherzo” cheio de graça e fantasia.

6. *“Samuel” Goldenberg und “Schmuyle”* – título original em alemão – Mussorgsky inspirou-se em dois retratos, um implacável judeu rico e um velho pobre. O contraste entre os dois tipos sociais sugeriu-lhe uma cena dialogante ou talvez uma

reflexão sobre as duas faces da mesma pessoa (*“Schmuyle”* é o diminutivo de “Samuel”).

7. *Limoges. “Le marché” (La grande nouvelle)* – título francês no manuscrito original – No catálogo das obras de Hartmann não é referido qualquer quadro do mercado de Limoges. Mussorgsky faz um esplêndido retrato colectivo de vendedores no mercado, discutindo e tagarelando com típico temperamento meridional.

8. *“Catacombae” (Sepulcrum romanum) Con mortuis in lingua mortua* – em latim no original – Na aguarela “As Catacumbas de Paris”, Hartmann retrata-se a si próprio e ao seu amigo Kenel visitando as catacumbas, à luz da lanterna do guia. Mussorgsky compôs um díptico de veia romântica: o encontro do Homem com o mistério da morte, seguindo-se o canto resultante desse encontro. É uma reacção directa à morte de Hartmann.

9. *“A cabana sobre patas de galinha” (“Baba-Yaga”)* – título russo no original – O desenho de Hartmann representa um relógio em forma da cabana da Baba-Yaga, bruxa dos contos tradicionais russos. Mussorgsky utiliza a ideia do voo da bruxa mas a sua

música, selvagem e impetuosa, afasta-se do imaginário dos contos, sugerindo uma violenta alegria de libertação.

10. *As Grandes Portas (Na Capital da Antiga Rússia, Kiev)* – título russo no original – Hartmann fez o projecto arquitectónico para as portas da cidade de Kiev para um concurso que não teve resultados práticos. Mussorgsky conhecia bem a aguarela do seu amigo, com as colunas e a ornamentação russa, assim como a cúpula em estilo eslavo. Na peça ouve-se o hino de uma procissão majestosa, alternado com o canto dos peregrinos. Seguem-se os sinos e um grandioso final.

Os *“Promenade”* – título original em francês – são peças independentes dos quadros de Hartmann, nas quais o compositor se retrata a si mesmo, passeando e admirando a exposição. No primeiro *“Promenade”* é apresentado o tema musical condutor da obra. Cada aparição transformada de *“Promenade”* reflecte a reacção do Homem perante os quadros da vida que lhe são dados a testemunhar. Do significado de *“Promenade”* resulta a ideia de imortalidade que unifica a obra.

“Quadros de uma Exposição”, em memória de Viktor Hartmann – título

russo no manuscrito original – é o expoente de uma profunda concepção filosófica e o reflexo do extraordinário talento de Mussorgsky.

Cerca de meio século após a composição dos *“Quadros”*, o maestro Serge Koussevitzky encomendou a Maurice Ravel, em 1922, a orquestração da partitura original de Mussorgsky, que se transformou num “clássico” do repertório orquestral. Em 1928, o pintor Wassily Kandinsky, durante o seu período da Bauhaus, encenou *“Quadros de uma Exposição”* para o Friedrich Theater em Dessau, criando cenários e figurinos originais. Foi a única vez que Kandinsky concordou em utilizar uma partitura “finalizada”. Inspirado pela força interior que ouviu na música – escreveu: “De forma alguma é música programática. Se descreve algo de qualquer maneira, então não são as imagens em si, mas apenas as experiências de Mussorgsky, que excedem em muito o “conteúdo” da pintura e encontram uma forma puramente musical. Foi por isso que aceitei de bom grado o convite para encenar a obra musical para o Friedrich Theater em Dessau”.

Filipe Pinto-Ribeiro

01 JUNHO Sábado

21h00 Convento dos Capuchos

Recital de Piano

*Mozart, Webern, Schubert, Beethoven*Elisabeth Leonskaja *Piano*

P R O G R A M A

I ParteWolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) **Sonata KV 576**

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Allegretto*

Anton Webern (1883-1945)

Variações Opus 27

1. *Sehr mäßig*
2. *Sehr schnell*
3. *Ruhig, fließend*

Franz Schubert (1797-1828)

Klavierstücke D 946

1. *Allegro assai*
2. *Allegretto*
3. *Allegro*

II Parte

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sonata Nº 32 Opus 111

1. *Maestoso – Allegro con brio ed appassionato*
2. *Arietta – Adagio molto semplice cantabile*

NOTAS AO PROGRAMA

Encabeçado por um conjunto de vinte e sete concertos para piano, o repertório para teclas de **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791) integra, entre outras obras de diversos géneros musicais, uma relevante série de dezoito sonatas para piano, sendo a **Sonata para piano, em Ré Maior, K. 576** a última peça do género escrita pelo compositor. Foi composta no mês de Julho de 1789, na sequência de uma viagem à Alemanha (onde Mozart procurou, sem sucesso, uma posição laboral mais segura). Pensada para integrar um conjunto de seis sonatas para a Princesa Frederica da Prússia, a sua dificuldade técnica acabaria por revelar-se um obstáculo à interpretação por músicos amadores, pelo que Mozart acabaria por completar apenas uma das seis inicialmente previstas. A obra tem três andamentos: no primeiro, em forma *allegro* de sonata, destaca-se o seu motivo inicial (escrito numa figuração típica de trompetes), que se apresenta como elemento agregador do andamento; no *Adagio*, em forma ABA, a condução é feita através uma melodia expressiva e ricamente ornamentada; o último andamento, em forma rondó-sonata, é dominado pela energia, alegria e espírito lúdico, tão habituais no repertório mozartiano.

Variações para piano, Opus 27 apresenta-se como a única obra para piano solo inscrita com número de Opus no catálogo do compositor

austríaco **Anton Webern** (1883-1945). Foi composta entre Outubro de 1935 e Novembro de 1936. Embora tenha sido dedicada ao pianista Eduard Steuermann, foi estreada por Peter Stadlen, no dia 26 de Outubro de 1937, em Viena. A peça divide-se em três andamentos, contando cada um deles com apenas 54, 22 e 66 compassos, respectivamente. A curta duração da obra denuncia, com efeito, o método de raiz expressionista que presidiu a sua composição, o dodecafonismo (usado por Webern a partir de meados dos anos vinte; consiste num método serial em que as doze notas da escala cromática, dispostas numa ordem fixa – a «série» – determinada pelo compositor, definem a base estrutural de uma composição). Um aspecto particularmente notável da peça é a exploração da ideia de simetria através da criação de palíndromos (aos níveis da altura, da textura e do ritmo), verificando-se, em última análise, uma constante busca de coesão e de unidade por meio da destilação do material musical até à sua própria essência.

O Romantismo viu nascer, no domínio da literatura para piano, um novo género musical: a peça breve de carácter. Este tipo de peças (cujo precedente pode eventualmente encontrar-se nas *Bagatelas*, Opus 33 de Beethoven, de 1802) afirmou-se durante a década de 1820 e rapidamente se converteu num dos géneros preferidos do gosto romântico. A liberdade

composicional que este novo género proporcionava estimulou algumas das mais originais composições de **Franz Schubert** (1797-1828), como *Moments musicaux* (D 780), *Impromptus* (D 899 e D 935) e *Klavierstücke* (D 935 e D 946). Compostas cerca de meio ano antes da morte de Schubert, durante o mês de Maio de 1828, as **Drei Klavierstücke**, D 946 seriam publicadas apenas quarenta anos depois, em 1868, por intervenção de Johannes Brahms. As três peças para piano são um bom exemplo do lirismo típico em Schubert, que privilegia uma expressão intimista de sentimentos e de emoções (sem excesso de dramatismo) em detrimento do virtuosismo pianístico meramente técnico e exibicionista, então (também) em voga.

As trinta e duas Sonatas para piano de **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) – escritas entre 1793 e 1822 – ocupam uma posição absolutamente central na produção para o instrumento do compositor alemão e influenciaram de forma decisiva o curso da música para piano no século XIX. Composta entre 1821 e 1822, a *Sonata para piano, em Dó menor, Opus 111* foi dedicada ao

arquiduque Rodolfo de Habsburgo, patrono, aluno e amigo de Beethoven, tendo a edição inglesa sido dedicada a Antonie Brentano, amiga próxima do compositor.

A obra tem dois andamentos: o primeiro, em forma sonata (com uma introdução lenta, plena de *pathos*), destaca-se pelo brilhantismo da escrita contrapontística, verificando-se o recurso frequente a texturas concebidas, do ponto de vista estilístico, como invenções a duas ou a três vozes; o segundo consiste numa sequência de variações construídas a partir de uma melodia de grande simplicidade e intimismo, marcada na partitura como *Arietta*. As três primeiras variações sucedem-se seguindo um princípio de intensificação aos níveis do tempo e do ritmo, da dinâmica e do volume sonoro. A tranquilidade da quarta variação marca o início da segunda parte do andamento, onde se assiste a um processo de fragmentação gradual do material temático, que conduz aos trilos que assinalam o final da peça.

Sónia Gonçalves da Silva



02 JUNHO Domingo

Teatro Municipal Joaquim Benite

16h00 Prelúdio dos Capuchos 2*Sobre a ópera Na Colónia Penal*

Conversa pré-concerto com João Almeida e Miguel Loureiro

18h00*Na Colónia Penal – In the Penal Colony***Martim Sousa Tavares** *Direcção Musical***Miguel Loureiro** *Encenação***Miguel Pereira** *Movimento***André Henriques** *Barítono***Frederico Projecto** *Tenor***Malu Santos, Frederico Oliveira** *Violinos***Inês Barros** *Viola***Pedro Serra e Silva** *Violoncelo***Miguel Menezes** *Contrabaixo***Paulo Quedas, João Gaspar** *Performers***André Guedes** *Cenografia***Eduardo Abdala e Manuel Abrantes** *Desenho de Luz***José António Tenente** *Figurinos***O Rumo do Fumo** *Produção***Philip Glass** (1937-)

Na Colónia Penal

Libreto de **Rudolph Wurlitzer**, baseado no conto homónimo de **Franz Kafka**

NOTAS AO PROGRAMA

S e a primeira metade do século XX assistiu à desagregação gradual do sistema musical que tinha dominado os dois séculos anteriores, após o término da Segunda Guerra Mundial observou-se um forte movimento de recomeço, que levou, entre outros aspectos, a um alargamento do conceito musical. Exploraram-se novos caminhos e apuraram-se linguagens próprias sem qualquer espécie de submissão a um *corpus* coerente de princípios, ou dito de outra forma, sem surgir nenhuma «prática comum» equiparável à dos séculos XVIII e XIX.

Foi no contexto de uma das várias correntes musicais da segunda metade do século XX, o Minimalismo, que se afirmou, em meados da década de sessenta, **Philip Glass** (compositor americano nascido em Baltimore em 1937). Tal como La Monte Young (n. 1935), Terry Riley (n. 1935) ou Steve Reich (n. 1936), também Philip Glass (influenciado por linguagens tão variadas como as do *jazz*, do *rock* ou dos *ragas* indianos) começou a desenvolver a possibilidade de trabalhar a partir de uma redução intencionalmente radical

dos vocabulários rítmico, melódico e harmónico, tentando assim libertar-se do peso e da complexidade das convenções formais do cânone da música de tradição ocidental. Assumindo uma atitude musical de meditação e contemplação, procurava-se criar uma espécie de *continuum* sonoro, caracterizado, essencialmente, por estruturas tonais/modais estáticas e pela repetição de um pequeno número de fórmulas melódico-rítmicas (com ligeiras variantes entre si). Após um período quase exclusivamente conotado com a estética do Minimalismo (desde meados da década de sessenta até cerca de 1974), a produção subsequente de Glass foi crescendo em conteúdo expressivo. Para além das frequentes colaborações com músicos de outros contextos musicais, como Ravi Shankar, Paul Simon, David Byrne, Laurie Anderson, David Bowie, entre outros, deve sobretudo destacar-se o contributo de Glass nos universos do cinema, da dança, do teatro e da ópera, género em que se iniciou com uma trilogia sobre homens revolucionários que mudaram o mundo através da força das suas ideias, composta pelas óperas *Einstein on the Beach* (criada em colaboração com o

encenador Robert Wilson; estreada a 25 de Julho de 1976, no Festival de Avignon), *Satyagraha* (centrada na luta política pacifista de Mahatma Gandhi; estreada a 5 de Setembro de 1980, em Roterdão) e *Akhmaten* (sobre a história do faraó egípcio martirizado pela sua crença monoteísta; estreada a 24 de Março de 1984, em Estugarda).

Num tempo em que se especulava sobre os desafios e a viabilidade do género operático enquanto um género contemporâneo, o trabalho de Glass desempenhou um papel especialmente proeminente na revitalização da ópera, expandindo e remodelando as suas convenções no sentido de uma visão mais cerimonial, não narrativa e ritualística do género. Desde então, as suas produções operáticas têm sido apresentadas nos mais importantes palcos internacionais e alvo de gravações e de recepções entusiastas por parte de um público amplo e muito diversificado. *Na Colónia Penal* (*In the Penal Colony*) apresenta-se como uma ópera de câmara escrita para dois solistas (tenor e barítono), dois actores e quinteto de

cordas (violinos 1 e 2, viola, violoncelo e contrabaixo), tendo a sua estreia acontecido no dia 31 de Agosto de 2000, em Seattle, com encenação de JoAnne Akalaitis. O libreto é da autoria de Rudolph Wurlitzer e consiste numa adaptação do conto homónimo do escritor checo Franz Kafka (1883-1924), escrito em 1914 e publicado após o final da Primeira Guerra Mundial. A narrativa (que pode interpretar-se como uma alegoria dos cenários de horror, crueldade e injustiça conhecidos desde o início do século XX, usada como plataforma de exploração dos temas do humanismo, idealismo e transfiguração) desenrola-se em torno de dois protagonistas: um explorador (interpretado pelo tenor) de visita a uma ilha distante transformada em colónia penal e o comandante da colónia (interpretado pelo barítono), que convida o visitante a participar na execução pública de um prisioneiro, realizada por um sinistro e sofisticado aparelho de execução por si desenvolvido.

Sónia Gonçalves da Silva



07 JUNHO 6ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

Paganini – A Liberdade do Virtuoso

Paganini Ensemble Vienna

Mario Hossen *Violino*Marta Potulska *Viola*Liliana Kehayova *Violoncelo*Alexander Swete *Guitarra*

P R O G R A M A

Niccolò Paganini (1782-1840) Quarteto Nº 1 MS 28

1. *Introduzione. Andante – Marcato – Vivace*
2. *Minuetto alla marsigliese. Andantino*
3. *Tema con variazioni*

Terzetto MS 69, para Violino, Violoncelo e Guitarra

1. *Allegro con brio*
2. *Minuetto. Allegro vivace*
3. *Andante – Larghetto (Cavate)*
4. *Rondo. Allegretto*

“La Campanella”

para Violino, Viola, Violoncelo e Guitarra
(Arranjo de Rudolf Leopold)

Quarteto Nº 9 MS 36

1. *Allegro moderato*
2. *Minuetto alla Waltz*
3. *Adagio sostenuto appassionatamente*
4. *Allegro vivace*

NOTAS AO PROGRAMA

Símbolo maior do virtuosismo violinístico, o italiano **Niccolò Paganini** (1782-1840) foi um dos músicos mais famosos do século XIX. Dono de uma mão esquerda muito ágil e com grande abertura, Paganini desenvolveu uma escrita idiomática assente na liberdade (quase infinita) que a sua técnica excepcional enquanto intérprete lhe conferia (utilizava recursos como mudanças de posição extremamente amplas, trilos triplos, *pizzicato* com a mão esquerda e arcada em simultâneo, cordas duplas, harmónicos artificiais e harmónicos duplos em qualquer parte do ponto, *ricochet*, entre outros). O magnetismo que emanava com tais façanhas ao violino depressa captou a atenção do público mas também de vários compositores românticos, sobretudo do jovem Franz Liszt, que conheceu em Paris, em Abril de 1832, e que viria a influenciar de forma decisiva. Como compositor, Paganini concentrou-se essencialmente na escrita para o seu próprio instrumento, mas também a guitarra encontra um lugar de particular destaque na sua produção, sobretudo no domínio da música de câmara.

Paganini compôs quinze quartetos para violino, viola, violoncelo e guitarra: os primeiros seis, provavelmente escritos entre 1806 e 1816, foram publicados pela *Ricordi* em 1820; os restantes,

compostos entre 1818 e 1820, nunca viriam a ser publicados durante a vida do compositor.

O *Quarteto nº 1, em Lá menor, MS 28* foi dedicado e oferecido por Paganini à sua irmã mais nova, Nicoletta, como presente pelo seu casamento, no dia 28 de Fevereiro de 1813.

A partitura tem quatro andamentos: o primeiro apresenta-se como uma breve introdução (com apenas trinta compassos) de carácter solene; no segundo, os dois temas principais são lançados pela viola e destacam-se pela sua qualidade melódica; o terceiro tem um cunho popular, sendo a sua secção central (o *Trio*) concebida como um dueto para viola e violoncelo com acompanhamento de guitarra e violino, em *pizzicati*; o quarto consiste numa sequência de variações sobre um tema de traços melancólicos e sentimentais, típicos de uma ária de ópera italiana.

O *Quarteto nº 9, em Ré Maior, MS 36* (cuja primeira publicação data de 1935) foi dedicado a Luigi Guglielmo Germa, violinista amador e amigo próximo do compositor. Composta em quatro andamentos, a obra denota, do ponto de vista estilístico, uma escrita típica do habitualmente designado “*quatour brillant*”, em que um dos elementos do quarteto, neste caso o violino, desempenha uma linha virtuosística, tecnicamente muito exigente, e os

restantes cumprem uma função essencialmente de acompanhamento. Os seus andamentos sucedem-se de forma contrastante, culminando no *Allegro vivace* final, um número de bravura protagonizado pelo violino.

Em *Terzetto, em Ré maior, M.S. 69*, violino, violoncelo e guitarra dão corpo a outra das formações de câmara com guitarra que se tornavam cada vez mais frequentes no século XIX. Escrita em 1833, a peça viria a ser publicada apenas em 1955 (com edição de Erwin Schwarz-Reiflingen). Ao longo dos seus quatro andamentos verifica-se um equilíbrio no que respeita ao protagonismo atribuído a cada um dos instrumentos, numa escrita que revela um estilo composicional atravessado pela clareza formal do Classicismo e pelo lirismo apaixonado do Romantismo que então emergia.

O alinhamento do presente programa contempla ainda a interpretação de um arranjo para violino, viola, violoncelo e guitarra da autoria do violoncelista Rudolf Leopold (n. 1954) do célebre

terceiro andamento do segundo concerto para violino de Paganini (MS 48), *“La Campanella”* (cujo título se deve a um detalhe de orquestração, designadamente a utilização de um instrumento de percussão – o triângulo – para reproduzir o som de um pequeno sino). O concerto foi escrito em 1826, tendo a sua estreia acontecido no dia 26 de Junho de 1827, no *Teatro della Pergola*, em Florença, com o compositor como solista. A obra foi recebida com enorme entusiasmo, graças, precisamente, ao seu terceiro andamento, que Paganini passou a interpretar, com frequência, como número autónomo. Repleta de pormenores técnicos de extraordinária exigência, a peça inspirou Franz Liszt na composição de *Grande fantasia di bravura sur “La clochette”* (S. 420; de 1834) e do terceiro estudo (*Campanella. Allegro moderato*) de *Études d'exécution transcendante d'après Paganini* (S. 140; compostos em 1840 e revistos em 1851).

Sónia Gonçalves da Silva



08 JUNHO Sábado

Convento dos Capuchos

16h00 Prelúdio dos Capuchos 3

A Liberdade de Recompor

Conversa pré-concerto com João Almeida, Elsa de Lacerda e Pedro Sousa Silva

18h00 Capela dos Capuchos

Cantus Prius Factus

ou a Liberdade de Recompor no século XVI

Arte Minima

Pedro Sousa Silva *Flautas e Direcção Musical*

Irene Brigitte *Soprano*

Fátima Nunes *Alto*

Nuno Raimundo *Tenor*

Luís Neiva *Baixo*

Carlos Sánchez, Emma Crumpton,

Moisés Maroto, Rita Rodríguez, Sára Symeni *Flautas*

Sobre Ave maris stella

Improvisação polifónica
Pedro de Cristo (c. 1545-1618)

Sobre Ave maris stella
Ave maris stella (manuscrito P-Cug MM 36)

Sobre Douce Mémoire

Pierre Sandrin (c. 1490-c.1561)
Diego Ortiz (c. 1510-c.1576)

Douce Mémoire
Glosas sobre Douce Mémoire
(manuscrito P-Cug MM 242)

Hernando de Cabezón (1541-1602)

Douce Mémoire

Ricercando

Jacques Buus (c. 1500-1565)

Ricercar (manuscrito P-Cug MM 42)

Sobre Tu es Petrus

Maistre Gosse (c. 1520-1565)

Tu es Petrus (moteto)

Francisco de Santa Maria (c. 1532-1597)

Missa Tu es Petrus (P-Cug MM 3, 1575)

1. Kyrie
2. Sanctus
3. Agnus Dei

NOTAS AO PROGRAMA

Ao contrário do que sucede nos dias de hoje, em que uma obra musical é considerada um objecto completo e propriedade intelectual do seu autor (o compositor), a apropriação de obras já existentes era uma prática generalizada durante o Renascimento e um dos principais dispositivos para a criação de novos repertórios. O programa explora 4 dimensões diferentes dessa prática de reinventar: a improvisação polifónica, a ornamentação, a recomposição e a paródia.

No primeiro momento do programa, apresentamos um dos cânticos mais célebres dos períodos medieval e renascentista – *Ave maris stella* – normalmente cantado durante o ofício de vésperas de festas marianas. A execução das sete estrofes deste hino irá colocar em alternância dois estilos musicais baseados na melodia do cantochão – o *cantus prius factus*. Nas estrofes ímpares, iremos explorar a composição de Pedro de Cristo sobre este cântico, usando a melodia como material temático para realizar contraponto imitativo; nas estrofes

pares, o grupo irá colocar a melodia de cantochão em notas longas numa das vozes e improvisar contraponto a 2, 3 e 4 vozes segundo modelos da época.

O segundo grupo de obras desenvolve-se no universo secular. *Doulce mémoire*, de Pierre Sandrin, foi uma das canções francesas mais conhecidas durante o século XVI, profusamente copiada em manuscritos da época e publicada em vários impressos. É sem surpresa que também a encontramos em fontes ibéricas, mas em versões *glosadas*. *Glosar* uma canção é criar uma versão alternativa ornamentada, criando percursos melódicos alternativos para a melodia de uma ou mais vozes. A prática era bastante apreciada na Península Ibérica e apresentaremos duas versões contemporâneas. A primeira, do Tratado de Glosas de Diego Ortiz (e que se encontra copiada num manuscrito oriundo de Santa Cruz de Coimbra), ornamenta a voz do baixo; a segunda, de Hernando de Cabezón, adapta a obra para tecla ornamentando todas as vozes e conferindo-lhe um carácter totalmente instrumental.

Dos manuscritos de Santa Cruz de Coimbra chega-nos também o terceiro momento do programa, preenchido totalmente com uma obra – um *Ricercare* de Jacques Buus. De origem flamenga, Buus pertence a uma geração de compositores que fizeram carreira migrando para o Sul da Europa. Organista da Catedral de São Marcos em Veneza durante o seu período áureo (1540-1550), foi um dos principais cultivadores do género *Ricercare* – composições instrumentais que exploram (*ricercare* significa procurar) motivos musicais em forma imitativa. Os *Ricercare* de Buus foram publicados em Veneza em 1547 mas a versão que apresentamos é oriunda dos manuscritos P-Cug MM 48 e 242 que revelam versões recompostas de algumas destas obras. Pensando-se hoje que estes manuscritos teriam uma função didática, encontramos aqui uma outra funcionalidade associada à prática da recomposição.

O moteto *Tu es Petrus*, do compositor flamengo Maistre Gosse (possivelmente Goessen Jonckers) é o mote para a última obra do programa, a *Missa Tu*

es Petrus de Francisco de Santa Maria. Também referido nas fontes como Francisco Mouro ou Francisco de Santa Cruz, nasceu em Ciudad Rodrigo, onde terá sido discípulo de Buxel. A sua actividade musical desenvolveu-se em território português, primeiro como Mestre de Capela do Bispo de Coimbra e depois Mestre de Capela do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, durante o período áureo da actividade musical desta instituição.

A Missa, que não tem título no manuscrito P-Cug MM 3, usa o material musical do moteto de Maistre Gosse para criar as diferentes secções da missa (Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus, Agnus dei). Esta técnica de composição é conhecida por paródia e Francisco de Santa Maria seria possivelmente um especialista nela, já que pelo menos 5 das suas 7 missas são baseadas em motetos de vários compositores europeus – uma descoberta feita em estudos recentes do projecto *Lost & Found* do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, com o qual a Arte Mínima colabora.

Pedro Sousa Silva

08 JUNHO Sábado

21h00 Convento dos Capuchos

Change: Grândola e Outras Canções Revolucionárias

Elsa de Lacerda *Violino*Nathanaël Gouin *Piano*

P R O G R A M A

Gwenaël Grisi (1989-)	Grândola, Vila Morena
Fabian Fiorini (1973-)	Disapparition
Benoît Mernier (1964-)	Strange Fruit
Harold Noben (1978-)	Apesar de você
Apolline Jesupret (1995-)	De mille murmures
Gwenaël Grisi (1989-)	Bella Ciao
Alexander Gurning (1973-)	Indépendance Cha Cha
Nathanaël Gouin (1988-)	A l'ombre d'un chêne vert

NOTAS AO PROGRAMA

Foi num serão em 2020, quando todos estávamos em confinamento, reféns da pandemia, confrontados conosco próprios, fora do turbilhão do quotidiano.

A esta clausura acresciam palavras violentas insinuadas pelos média: algumas profissões, algumas vocações,

alguns caminhos de vida viam-se mais comprometidos do que outros, nomeadamente, os dos músicos. Nesse serão de maio de 2020, Elsa mostrou-me um vídeo de alguns minutos, onde se via Zeca Afonso a cantar, à capela, “Grândola, Vila Morena”, no Coliseu dos Recreios de

Lisboa em 1983. Uma multidão imensa acompanhava-o de viva voz, alguns de braço levantado, numa recordação vibrante da Revolução dos Cravos, dessa noite de 25 de Abril de 1974 onde esta canção censurada, devido à sua mensagem fraternal, foi difundida na rádio para anunciar ao povo português que tinha começado a revolução que derrubaria o regime de Salazar.

Na História há músicas que tiveram um papel concreto, um papel forte de mobilização, um papel essencial... Depois de uma aturada reflexão, o projecto CHANGE surgiu no nosso espírito: sublimar a recordação dessas músicas que ajudaram a mudar o Mundo, visitar essas viragens na História das sociedades, esses instantes de revolução e de resistência, sob o prisma dos nossos sonhos e dos nossos medos de hoje.

Reunimos melodias, vocais ou instrumentais, canções. Mas não bastava tocá-las sem uma palavra. Queríamos um olhar empenhado sobre essas memórias necessárias.

Encomendámos assim a compositores belgas e franceses, jovens e menos jovens, homens e mulheres, que escolheram a sua melodia, o seu combate, com carta branca para fazer emergir a sua criatividade destas recordações, da sua própria música, da sua própria visão destes grandes momentos da história. Depois de “Grândola”, a nossa “belgitude” não podia ignorar o “Indépendance Cha Cha”, esta canção de Grand Kallé que anuncia aos congoleses a sua independência em 1960, através da

Radio Congo Belge, tendo-se tornado um hino anticolonial.

“Strange Fruit” evoca o fruto estranho suspenso numa árvore e o cheiro a carne queimada. Estamos em 1939 no Café Society de Nova Iorque e, pela primeira vez, Billie Holiday interpreta com o seu vibrato frágil esta canção sombria que fala sobre o linchamento dos afro-americanos nos Estados Unidos.

Mais a Sul, no Chile, em 1973, o grupo Quilapayún e Sergio Ortega compõem, em poucas horas “El Pueblo Unido Jamás Sera Vencido”, uma canção de apoio a Salvador Allende e ao povo chileno, que se encontra sob o jugo do golpe militar e do regime sangrento de Augusto Pinochet. A canção de apoio será retomada um pouco por todo o mundo como símbolo de solidariedade e de liberdade face à opressão.

No Brasil, em 1970, também sob o jugo da ditadura, Chico Buarque dissimula a sua crítica do poder como disputa amorosa na sua canção “Apesar de Você”, uma dissimulação eficaz que engana a censura e transmite aos brasileiros estas palavras de resistência com ritmos requebrados: “Apesar de você, amanhã há-de ser um outro dia, eu pergunto a você onde vai se esconder...” Na Europa, a canção “Bella Ciao” torna-se um hino à resistência, exprimindo a recusa do fascismo na boca dos revoltados italianos da Segunda Guerra Mundial, recuperando uma melodia, cantada pelas mulheres nos arrozais, no início do século XX, reflectindo a penosa vida do proletariado...

Pierre Solot

09 JUNHO Domingo

21h00 Convento dos Capuchos

Schostakovich & Estaline

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*Stephan Picard *Violino*Tomás Soares *Violino*Sofia Silva Sousa *Viola*Geirthrudur Gudmundsdottir *Violoncelo*

Juventus Ensemble

PROGRAMA

Dmitri Schostakovich (1906-1975)

Trio com Piano Nº 1 Opus 8 “Poema”

5 Peças

1. *Prelúdio*2. *Gavotte*3. *Elegia*4. *Valsa*5. *Polka*

Quinteto com Piano Opus 57

1. *Prelude. Lento – Poco più mosso – Lento*2. *Fugue. Adagio*3. *Scherzo. Allegretto*4. *Intermezzo. Lento*5. *Finale. Allegretto*

NOTAS AO PROGRAMA

Nascido em 1906 em São Petersburgo e falecido em 1975 em Moscovo, Dmitri Schostakovich, considerado um dos mais relevantes compositores do século XX, manteve uma relação bastante complexa, e por vezes dramática, com as autoridades soviéticas, sobretudo na época em que a feroz ditadura de Estaline atacou as artes – incluindo a música de Schostakovich – que considerava desalinhasadas com a sua visão nacionalista.

Ao longo da sua vida, Schostakovich escreveu música em protesto implícito ao domínio soviético, assim como obras intensamente nacionalistas, navegando numa vida dupla entre a liberdade artística e a repressão.

Durante a juventude de Schostakovich, aquando dos primeiros anos da Revolução, as suas tendências foram inspiradas pelo ímpeto criativo fomentado por Anatóli Lunatcharski e, embora não se tenha conhecimento de militância activa, há relatos de que compôs e se apresentou em várias ocasiões, directa ou indirectamente, comemorativas do espírito da Revolução.

Escreveu a sua primeira obra de música de câmara em 1923, com 17 anos, ainda aluno do Conservatório de Petrogrado (antiga São Petersburgo): o **Trio nº 1 Opus 8**, também intitulado “Poema”.

Frequentava então duas faculdades – piano e composição – e trabalhava ainda como pianista acompanhador de filmes mudos, devido a uma precária situação financeira após a morte do seu pai em 1922. A génese desta obra de juventude, que impressiona pela grande qualidade técnica e expressividade, está relacionada com circunstâncias pessoais: o Trio é dedicado a Tatiana Glivenko, que conheceu na Crimeia no Verão de 1923 e com quem manteve a sua primeira e intensa relação amorosa até 1929.

Apesar do eventual alinhamento inicial com o caminho da Revolução, Schostakovich recebeu o primeiro aviso da nomenklatura em 1930, altura em que o regime endureceu o cerco aos artistas e Estaline completava o seu projecto de tomada do poder absoluto, eliminando vozes dissidentes. Foi logo após a estreia da ópera “O Nariz”, inspirada no conto homónimo de Nikolai Gógol, que a poderosa Associação Russa de Músicos Proletários denunciou na ópera de Schostakovich perigosas tendências “formalistas”.

Grande parte da música das 5 Peças data de meados dos anos 30. Trata-se de um excelente exemplo da versatilidade criativa de Schostakovich, ao compor música para cinema, bailado, teatro e até para desenhos animados. A segunda

e a terceira peça – “Gavota” e “Elegia” – foram escritas em 1933-1934 para a peça de teatro “A Comédia Humana”. A quarta, “Valsa”, foi composta no mesmo período para os desenhos animados “A História do Padre e Seu Criado Balda” e a brilhante “Polka” final faz parte da música para o bailado “O Riacho Límpido” de 1934-1935. Composto 20 anos mais tarde, o inspirado “Prelúdio” que abre esta Suite, pertence à banda sonora composta por Schostakovich para o célebre filme soviético “O Moscardo”, de 1955.

Em Janeiro de 1936, Estaline, no auge do seu poder, ouviu a segunda ópera de Shostakovich, “Lady Macbeth de Mtsensk”, que havia estreado com grande sucesso em São Petersburgo em 1934, seguido por um verdadeiro triunfo em Moscovo, com mais de noventa récitas. Apesar da forte caricatura das personagens “burguesas” e da profissão de fé nos valores soviéticos, feita por Schostakovich na introdução ao libreto, há relatos que afirmam que Estaline não ficou

nada satisfeito com o que ouviu, abandonando o teatro antes do final, mesmo com o autor presente na sala. Dois dias depois, o Pravda, órgão oficial do partido e do Estado, criticou duramente a ópera e classificou a música de Schostakovich de “cacofonia musical”, advertindo que “brinca-se com o hermetismo, mas a brincadeira pode acabar mal”.

Apesar de o cerco apertar, Schostakovich continuou a compor. Data de 1940 o seu **Quinteto Opus 57** que, combinando introspecção ascética com fantasia e optimismo, demonstra que a sua alegria de viver não tinha desaparecido. A obra foi imediatamente reconhecida pela extraordinária qualidade, tendo valido a Schostakovich, em 1941, nada mais nada menos do que o Prémio Estaline. O próprio Schostakovich considerava o Quinteto Opus 57 uma das suas obras favoritas e interpretou-o em mais de 70 concertos.

Filipe Pinto-Ribeiro





PROGRAMA

14 JUNHO 6ª feira

21h00 Auditório Fernando Lopes-Graça

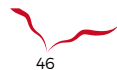
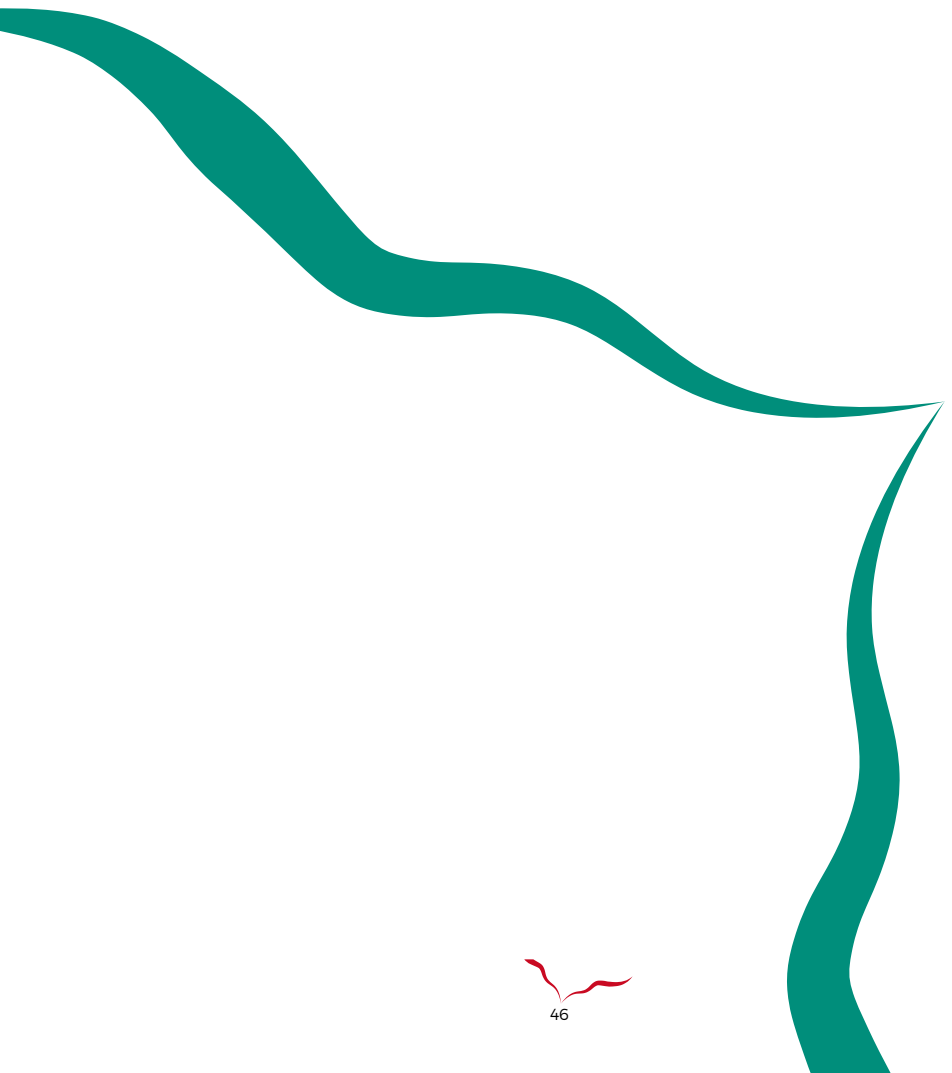
Filhos da Revolução

Júlio Resende *Piano*

Bruno Chaveiro *Guitarra Portuguesa*

André Rosinha *Contrabaixo*

Alexandre Frazão *Bateria e Percussão*



15 JUNHO Sábado

21h00 Convento dos Capuchos

Recital de Piano

*Chopin - Inspiração de Liberdade*Roman Fediurko *Piano*

P R O G R A M A

I Parte

Fryderyk Chopin (1810-1849)	Rondo Opus 16
	Balada N ^o 3 Opus 47
	Scherzo N ^o 4 Opus 54
	Polonaise Opus 53

II Parte

Fryderyk Chopin	Mazurkas (selecção)
	Sonata N ^o 3 Opus 58
	1. <i>Allegro maestoso</i>
	2. <i>Scherzo. Molto vivace – Trio</i>
	3. <i>Largo</i>
	4. <i>Finale. Presto non tanto</i>

NOTAS AO PROGRAMA

Paris, Fevereiro de 1831: Luís Filipe I ocupava o trono francês havia cerca de meio ano (na sequência das “Três Gloriosas” jornadas revolucionárias de Paris – a 27, 28 e 29 de Julho de 1830 – que deram início ao período histórico que ficaria conhecido como Monarquia de Julho, que decorreu entre 1830 e 1848 e que se caracterizou pela proeminência da classe da alta burguesia); o *Opéra* de Paris, centro cosmopolita do universo cultural da capital francesa (à época dirigido como uma empresa privada, ainda que beneficiando de um grande subsídio estatal e sujeito à supervisão de uma comissão governamental), era palco de uma série arrebatadora de concertos (dez apresentações em cinco semanas) de um violinista então recentemente chegado à cidade. Paris era, desta forma, tomada de assalto por Paganini, tendo o regozijo do público e da crítica perante o virtuosismo do músico sido colossal. O seu sucesso funcionou como um poderoso estímulo para o crescente fenómeno de culto em torno de músicos virtuosos, favorecendo as carreiras de inúmeros intérpretes, como o violinista Vieuxtemps, o violoncelista Franchomme e, sobretudo, de um batalhão de pianistas (maioritariamente do centro e do leste da Europa) que acorriam à “cidade luz” para tentar estabelecer as suas credenciais

(e aumentar as suas fortunas), de onde se destacaram, entre muitos outros, Kalkbrenner, Hiller, Liszt e Fryderyk Chopin (1810-1849).

Nascido na pequena aldeia de Żelazowa Wola (perto de Varsóvia), Chopin deixaria a Polónia (que sucumbia, na altura, ao domínio russo) ainda antes da sublevação nacionalista rebrantar, estabelecendo-se em Paris em 1831. Todavia, o seu percurso artístico na cidade francesa revelou-se muito diferente do caminho pelo qual enveredou a maioria dos seus pares. Embora fosse um pianista superlativamente dotado, Chopin era avesso ao modelo de pianista de concerto (durante os dezoito anos que viveu em Paris, apresentou-se perante o público francês, em sala de concerto, apenas sete vezes), preferindo antes o intimismo e a privacidade dos salões da alta sociedade, ambiente considerado ideal para as sofisticadas *nuances* expressivas da sua obra. Paralelamente, Chopin tornou-se, logo a partir de 1832, num conceituado professor de piano, actividade que acabaria por converter-se na sua principal fonte de rendimento (juntamente com as receitas resultantes da publicação das suas obras, que desde 1833 passariam a ser publicadas simultaneamente em França, Inglaterra e Alemanha). O *Rondo em Mi bemol Maior, Op. 16* remonta aos primeiros



anos após a chegada de Chopin em Paris. A partitura terá ficado concluída durante o Verão de 1833 (passado em Le Coteau, na casa de família de Franchomme), tendo sido dedicada a Caroline Hartmann, aluna de Chopin. Trata-se de uma peça desafiante escrita num “estilo brilhante”, revelando a tentativa do jovem compositor, então com vinte e três anos, de assimilar as figurações idiomáticas do pianismo de bravura típico da sala de concerto.

Em 1839 Chopin era um pianista de reputação consolidada. A partir de então (e até 1845), a sua actividade organizou-se de acordo com a seguinte rotina: compunha sobretudo durante os meses de Verão, passados em Nohant, e apresentava-se, enquanto intérprete, nos salões privados parisienses nos meses de Inverno. Foi durante este período (marcado pela intensa relação entre o compositor e a escritora George Sand) que Chopin compôs a **Balada n.º 3, em Lá bemol Maior, Op. 47** (escrita em 1841 e dedicada à sua aluna Pauline de Noailles), o **Scherzo n.º 4, em Mi Maior, Op. 54**, a **Polonaise em Lá**

bemol Maior, Op. 53 (compostas entre 1842 e 1843 e dedicadas, respectivamente, à sua aluna Jeanne de Caraman e ao seu amigo August Léo) e **Sonata n.º 3, em Si menor, Op. 58** (escrita em 1844 e dedicada à Condessa Elise de Perthuis). As composições do início da década de 1840 assinalam um ponto de viragem no percurso criativo do compositor e reflectem um interesse renovado pela técnica do contraponto, um robustecimento da forma e o recurso a um tipo de ornamentação mais parca e estruturalmente focada.

O alinhamento do presente programa contempla ainda uma selecção de **mazurkas** (dança popular polaca), género que ocupa uma posição especial na produção de Chopin (escreveu cinquenta e oito ao longo da sua vida) e que o compositor soube ajustar ao contexto do salão. Assim (tal como fez com a valsa e a *polonaise*), Chopin estilizou o género popular e transformou-o à medida do gosto requintado urbano, redefinindo-o profundamente.

Sónia Gonçalves da Silva



16 JUNHO Domingo

18h00 Teatro Municipal Joaquim Benite

Concerto de Encerramento
Metamorfoses de Liberdade

Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen”
Wolfgang Emanuel Schmidt *Violoncelo e Direcção Musical*

P R O G R A M A

I Parte

Edward Elgar (1857-1934)

Serenata Opus 20

1. *Allegro piacevole*
2. *Larghetto*
3. *Allegretto*

Joseph Haydn (1732-1809)

Concerto para Violoncelo e Orquestra N.º 1

1. *Moderato*
2. *Adagio*
3. *Allegro molto*

II Parte

Pyotr Tchaikovsky (1840-1893)

Serenata Opus 48

1. *Pezzo in forma di sonatina.*
Andante non troppo – Allegro moderato
2. *Valse. Moderato. Tempo di Valse*
3. *Elegia. Larghetto elegiaco*
4. *Finale. (Tema russo)*
Andante – Allegro con spirito

NOTAS AO PROGRAMA

Figura relevante do panorama musical inglês do seu tempo, **Edward Elgar** (1857-1934) foi o primeiro a alcançar algo que escapava aos compositores ingleses havia praticamente duzentos anos: reconhecimento internacional. A sua produção abarca todos os principais géneros musicais (com excepção da ópera), merecendo especial referência os seus contributos nos géneros da oratória e, sobretudo, da música sinfónica, literatura entre a qual encontramos uma das mais célebres obras do compositor, *Variações “Enigma”*, Op. 36 (de 1899). A singularidade da sua linguagem musical revela uma combinação entre uma firme competência técnica e uma fértil inventividade poética, verificando-se, no âmbito do seu vocabulário harmónico, uma adaptação muito particular de elementos cromáticos típicos do estilo wagneriano. A peça **Serenata, Op. 20** foi composta em 1892 e terá resultado da revisão de uma obra escrita por Elgar cerca de quatro anos antes, em 1888 (*Três peças para orquestra*, cujo manuscrito permanece, todavia, desconhecido). Dedicada a Edward W. Whinfield (construtor de órgãos e músico amador), a partitura foi ouvida pela primeira vez em Worcester, em contexto privado, em Março de 1892 (sob a direcção do compositor), tendo

a sua estreia pública acontecido no dia 23 de Julho de 1896, em Antuérpia. A obra destaca-se pelo segundo dos seus três andamentos, dominado por uma melodia impressionante (bem representativa do estilo de Elgar) esculpida de forma imponente sobre uma base harmónica diatónica mas tensa.

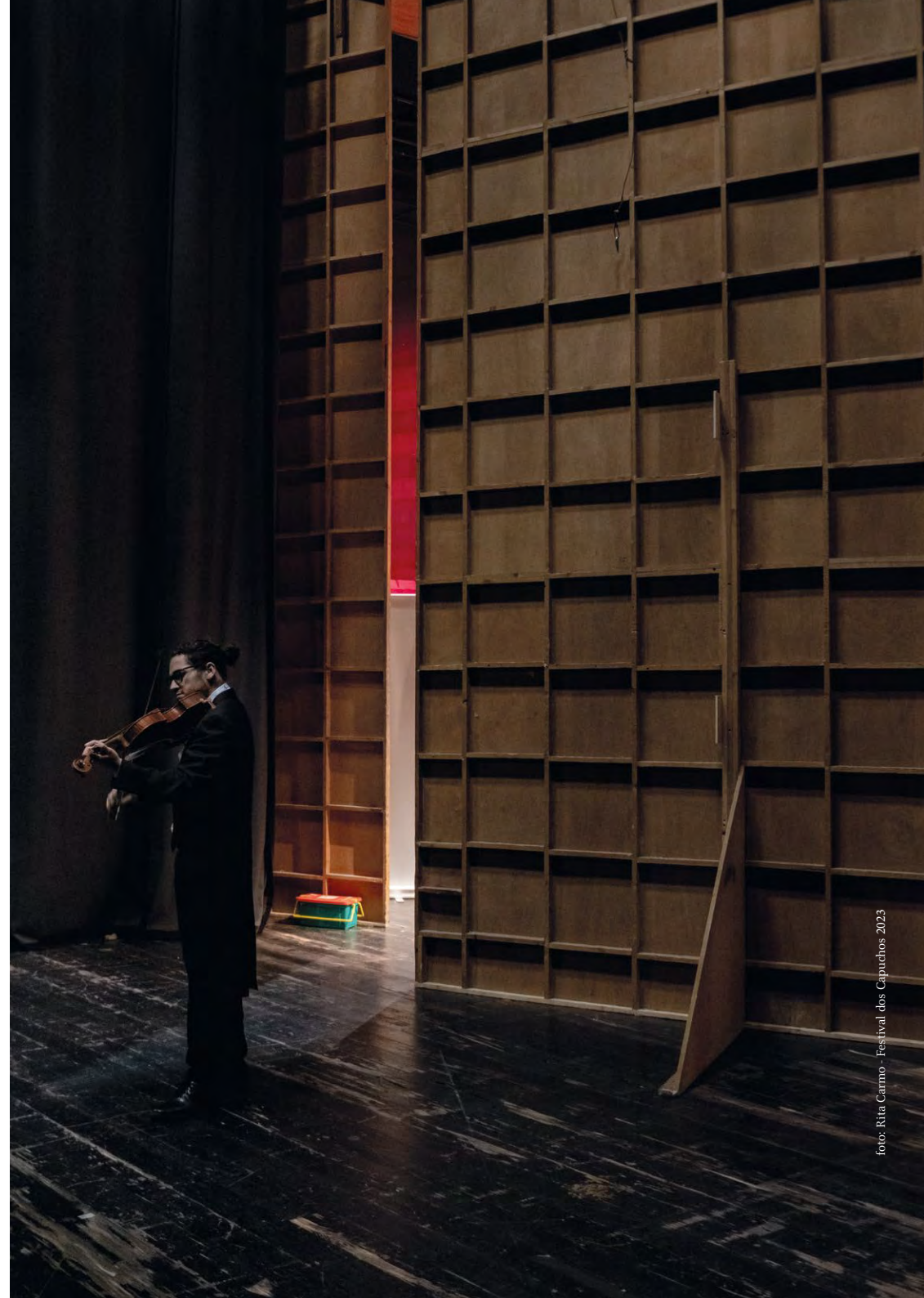
Reverenciado desde o início do século XIX como o primeiro dos três “clássicos vieneses” (Haydn, Mozart e Beethoven), **Joseph Haydn** (1732-1809) ganhou reconhecimento a partir do início da década de 1760, tornando-se, cerca de vinte anos depois, no mais celebrado compositor do seu tempo. Destacou-se em todos os géneros musicais, sendo por costume referido como o “pai” da sinfonia, título que merece igualmente pelas suas contribuições para o género do quarteto de cordas. Entre 1761 e 1790, Haydn serviu a corte dos Esterházy (a mais rica e influente família da nobreza húngara, com um importantíssimo legado no patronato das artes e da cultura), ocupando o lugar de segundo mestre-de-capela, entre 1761 e 1765, e ascendendo depois, em 1766, à posição principal de mestre-de-capela. O **Concerto para Violoncelo e Orquestra n.º 1, em Dó Maior, Hob. VIIb: 1** terá sido escrito entre 1761 e 1765 (período em que Haydn se dedicou sobretudo

à produção de música instrumental), e dedicado a Joseph Franz Weigl, violoncelista da corte e amigo próximo do compositor. A partitura esteve perdida durante praticamente duzentos anos, tendo sido encontrada pelo musicólogo checo Oldřich Pulkert em 1961 (entre documentos entretanto depositados no Museu Nacional de Praga). A sua primeira apresentação moderna aconteceu em Praga no dia 19 de Maio de 1962 (pelo violoncelista Miloš Sádlo e a Orquestra Sinfónica da Rádio de Praga, sob a batuta de Charles Mackerras). Ainda que enraizado na forma do concerto barroco, a obra revela um maior enriquecimento temático dos *ritornelli* orquestrais e, consequentemente, uma maior variedade de material ao longo dos seus três andamentos.

Apontado com frequência como líder da facção considerada cosmopolita (ou “europeia”) no contexto musical russo da segunda metade do século XIX, **Pyotr Tchaikovsky** (1840-1893) cedo assimilou a mestria sinfónica da tradição ocidental (influenciado especialmente pelos modelos de Beethoven e Schumann), que soube

depois conciliar, de uma forma muito particular, com a ascendência da obra de Glinka, compositor seu compatriota. A ***Serenata, Op. 48*** foi composta entre Setembro e Outubro de 1880 (existe também um arranjo para piano a quatro mãos, elaborado por Tchaikovsky no final do mesmo ano) e dedicada ao violoncelista Karl Albrecht, amigo do compositor. A sua estreia aconteceu em São Petersburgo no dia 30 de Outubro de 1881 (sob a direcção de Eduard Nápravník). Com o objectivo de sublinhar o elemento da forma, Tchaikovsky neutralizou o parâmetro da cor orquestral conferindo à serenata uma textura de quinteto de cordas (violinos I e II, viola, violoncelo e contrabaixo). A obra destaca-se pela sua coerência interna, alcançada através de uma estreita rede motivica que une os quatro andamentos que a compõem. No último andamento, Tchaikovsky incorpora duas canções populares russas, que o compositor já tinha feito publicar em 1869, num arranjo para piano a quatro mãos, sob a rubrica *Cinquenta canções russas* (canções nºs 28 e 42).

Sónia Gonçalves da Silva



21 JUNHO 6ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

Poslúdio dos Capuchos

Beethoven e Schubert – Espíritos de Liberdade

Carolín Widmann *Violino*

Lilli Maijala *Viola*

Christian Poltéra *Violoncelo*

Tiago Pinto-Ribeiro *Contrabaixo*

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*

DSCH – Schostakovich Ensemble

P R O G R A M A

I Parte

- | | |
|----------------------------------|--|
| Ludwig van Beethoven (1770-1827) | Trio com Piano Opus 70 N.º 1 “Espíritos”
1. <i>Allegro vivace e con brio</i>
2. <i>Largo assai ed espressivo</i>
3. <i>Presto</i> |
| Andreia Pinto Correia (1971-) | Quinteto com Piano “Retrato” (estreia absoluta)
1. <i>Ausências</i>
2. <i>Memórias</i>
3. <i>Espelhos</i> |

II Parte

- | | |
|----------------------------|---|
| Franz Schubert (1797-1828) | Quinteto com Piano D 667 “A Truta”
1. <i>Allegro vivace</i>
2. <i>Andante</i>
3. <i>Scherzo</i>
4. <i>Andantino</i>
5. <i>Allegro giusto</i> |
|----------------------------|---|

NOTAS AO PROGRAMA

Pese embora de alicerces fundados nas convenções, géneros e estilos da tradição clássica vienense, **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) – guiado pela força, independência e liberdade do seu génio – soube transformar tal herança e dar origem ao que viria a caracterizar o romantismo musical, tornando-se assim numa referência a cuja ascendência nenhum compositor (significativo) oitocentista conseguiu escapar. A música de câmara ocupa um lugar de destaque na sua produção, incluindo, entre outras obras, dezasseis quartetos de cordas, nove trios com piano (formação eleita por Beethoven para inaugurar o seu catálogo, tendo o seu Opus 1 sido publicado em 1795), dez sonatas para violino e piano e cinco para violoncelo e piano. **O Trio com piano, “Espíritos”, Op. 70 n.º 1** (para violino, violoncelo e piano) foi dedicado à condessa Anna Maria von Erdödy (amiga próxima do compositor) e data de 1808, tendo a sua composição acontecido imediatamente após Beethoven ter concluído a partitura da Sinfonia n.º 6, “Pastoral”. O nome pelo qual o trio é conhecido, “Espíritos”, encontra justificação no sussurro dos *tremolis* que se ouve no andamento central da peça. A obra, que se destaca pela sua densidade e força expressiva, é constituída por três andamentos: o primeiro é construído a partir de dois

temas bem diferenciados e caracteriza-se pela extrema diversidade da sua escrita, que não renuncia nunca a nenhum efeito de dramatização; o segundo andamento, de carácter nocturno, apresenta-se como o centro de gravidade da obra, caracterizando-se pelos seus contornos angulosos e por um certo sentimento de indecisão; no terceiro verifica-se o regresso ao espírito de animação e de conquista do primeiro andamento, terminando a obra com um gesto claro de afirmação de triunfo.

Franz Schubert (1797-1828) foi o mais distinto compositor vienense entre os contemporâneos de Beethoven, notabilizando-se pela originalidade, riqueza e subtilidade da sua linguagem melódica e harmónica. Durante os seus (apenas) trinta e um anos de vida, Schubert conseguiu produzir um *corpus* musical extenso e variado, de onde se destacam as contribuições, em alguns casos absolutamente seminais, para os géneros da música orquestral, música de câmara, música para piano e *Lied*. No âmbito da música de câmara, e para além dos seus quartetos de cordas (entre os quais se evidencia o *Quarteto n.º 14*, em Ré menor, “A morte e a Donzela”, D. 810), Schubert escreveu dois trios de cordas, três composições para quinteto de cordas, um octeto para cordas e sopros,



quatro trios com piano, uma peça para quarteto com piano e, finalmente, uma das mais célebres obras de câmara do seu catálogo, o **Quinteto com piano em Lá Maior, “A Truta”, D. 667**.

Escrito durante o Verão de 1819, o quinteto foi dedicado ao violoncelista amador Sylvester Paumgartner, que terá sido, aliás, o responsável por um dos traços pelos quais a obra se demarca: a singularidade da formação. Assim, consta que por sugestão de Paumgartner, em vez de Schubert juntar o piano ao habitual quarteto de cordas (violinos I e II, viola e violoncelo), retirou um violino e acrescentou o contrabaixo. A obra divide-se em cinco partes, o que sugere uma estrutura de tipo divertimento. O andamento inicial dá mote ao clima festivo que presidirá a generalidade da peça. Segue-se o *Andante*, cuja delicadeza é evidenciada pelo belíssimo tema apresentado pela viola e pelo violoncelo (depois do tema introdutório lançado pelo piano). O terceiro andamento caracteriza-se pela sua vivacidade rítmica e abre caminho para o andamento mais afamado do quinteto, um conjunto de

cinco variações construídas a partir da canção *Die Forrelle* (A truta; texto de Christian Friedrich Daniel Schubart), composta por Schubert em 1817. A partitura termina com um curto *Finale*, que se destaca pela sua leveza, frescura e luminosidade.

O alinhamento do presente programa contempla ainda a estreia de uma nova obra da compositora portuguesa, **Andreia Pinto Correia** (n. 1971), actualmente estabelecida em Nova Iorque. Doutorada pelo New England Conservatory de Boston (sob a orientação do compositor americano Michael Gandolfi), Andreia Pinto Correia tem desenvolvido uma intensa e fecunda carreira, sendo a sua obra interpretada com regularidade em prestigiadas salas de concerto (sobretudo nos Estados Unidos da América e na Europa). Por diversas vezes premiado, o seu trabalho tem sido elogiado pelo cuidado e detalhe que a compositora imprime ao tratamento harmónico e tímbrico das suas composições.

Sónia Gonçalves da Silva





ORQUESTRA CONSUELO

foto: Jean-Baptiste Millot

Criado por iniciativa do violoncelista e maestro Victor Julien-Laferrrière, o audacioso projecto denominado Orquestra Consuelo nasceu em 2021. Elege a figura de Consuelo, heroína do romance homónimo de George Sand. É então, sob o duplo signo da mais musical das heroínas, descrita pela mais musical das romancistas, que a abordagem artística desta orquestra ganha vida.

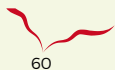
Agrupamento de geometria variável de 15 a 50 músicos, a Orquestra Consuelo tem como missão abordar o repertório sinfónico pelo prisma da música de câmara e executá-lo com rigor e paixão. Apresentou concertos nas edições de 2022 e 2023 do famoso festival Folle Journée de Nantes, incluindo dois concertos ao vivo transmitidos pelo canal franco ARTE.

Apresentou-se também no festival Variations Classiques d'Annecy e nos Sommets Musicaux de Gstaad, no Festival de La Roque d'Anthéron, no Halle aux Grains de Toulouse e no festival La Chaise-Dieu. Fechou o ano de 2023 com dois concertos no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris.

A orquestra iniciou 2024 com um concerto com a pianista ucraniana

Anna Fedorova no Auditorium de Vincennes e Prima La Musical num programa de Tchaikovsky, que voltou a apresentar no festival Folle Journée de Nantes com o pianista Alexander Malofeev. O ano musical da orquestra continuará no Coursive Scène Nationale, em La Rochelle, prosseguindo com a estreia em Portugal no Festival de Música dos Capuchos, concertos no Festival Rocamadour e na Ópera de Vichy. Regressará ao festival Chaise-Dieu para a continuação do projecto da integral das Sinfonias de Beethoven e fará a sua estreia em Setembro próximo no 77º Festival de Besançon-Franche-Comté.

Para além da actividade em palco, a Orquestra Consuelo aposta no desenvolvimento de projectos de gravação. Após um primeiro álbum dedicado a Johannes Brahms, para a editora francesa Mirare, encontra-se de momento a gravar o seu próximo projecto discográfico dedicado à integral das Sinfonias de Beethoven. A Orquestra Consuelo realiza a sua actividade com o apoio da Caisse des Dépôts, mecenas principal. Recebe também o apoio do seu Círculo de Amigos, do Centre National de la Musique, Fonpeps, Adami e Spedidam.



VICTOR JULIEN-LAFERRIÈRE

foto: Lyodoh Kaneko

Laureado com o 1º Prémio no célebre Concurso Rainha Elisabeth, de Bruxelas, em 2017, naquela que foi a primeira edição dedicada ao violoncelo, Victor Julien-Laferrrière conquistou ainda o 1º Prémio, assim como dois prémios especiais no Concurso Internacional Primavera de Praga, em 2012. Em 2018, foi premiado com a “Victoire de la Musique”, o mais importante galardão de música clássica em França, como “Solista Instrumental do Ano”.

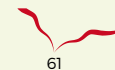
Victor Julien-Laferrrière apresenta-se regularmente como solista com orquestras de renome em todo o Mundo, incluindo a Orquestra Real do Concertgebouw de Amesterdão, Orquestra de Paris, Orquestra Nacional de França, BBC Philharmonic Orchestra, Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, RTÉ National Symphony Orchestra, Nordwestdeutsche Philharmonie, entre outras, e com maestros de prestígio, como Emmanuel Krivine, Valery Gergiev, Kristiina Poska, Tugan Sokhiev, François-Xavier Roth, Jun Märkl e Philippe Herreweghe.

Os seus projectos de recitais e de música de câmara levam-no a salas e festivais de prestígio como Philharmonie de Paris, KKL de Lucerna, Bozar de Bruxelas,

Tonhalle de Zurique, Concertgebouw de Amsterdão, Sommets Musicaux de Gstaad, Festival de Aix-en-Provence, Folles Journées de Nantes e Tóquio, entre outros.

Victor Julien-Laferrrière desenvolve também uma notável actividade como maestro, tendo dirigido a Orchestre National d'Île-de-France, a Orchestre de l'Opéra de Rouen, a Orchestre de Chambre de Paris e fundou a sua própria orquestra, a Orchestre Consuelo, que colabora frequentemente com muitos dos principais festivais franceses.

Tem uma extensa discografia, laureada com vários prémios como o “Diapason d'Or” em 2021, incluindo obras de Schubert, Shostakovich, Rachmaninov, Denisov, Dvořák, Martinů, Dutilleux e Dusapin, entre outros. Victor estudou com René Benedetti e depois, sucessivamente, com Roland Pidoux, no Conservatório Superior de Paris, com Heinrich Schiff, na Universidade de Viena, e com Clemens Hagen, na Universidade Mozarteum de Salzburgo. Simultaneamente, de 2005 a 2011, integrou a Seiji Ozawa International Music Academy, na Suíça. Toca um violoncelo construído por Domenico Montagnana e um arco de Dominique Peccatt.





FILIFE PINTO-RIBEIRO

foto: Rita Carmo

Filipe Pinto-Ribeiro é considerado um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas e um dos que mais reconhecimento internacional conquistou enquanto pianista solista, músico de câmara e director artístico.

Natural do Porto, Filipe diplomou-se e doutorou-se em 2000 no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou cinco anos sob a orientação da prestigiada pianista e professora Lyudmila Roschina. Desde então, encetou uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas melhores temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia. Apelidado “poeta do piano”, domina um vasto repertório, moldando-se de forma camaleónica tanto à música do romantismo como à do barroco ou ainda à música contemporânea, tendo estreado obras de vários compositores. A sua discografia a solo, composta por 5 CDs, é exemplo da sua versatilidade e inclui obras de Bach a Ravel, de Beethoven a Mussorgsky, de Debussy a Prokofiev, incluindo compositores portugueses. Enquanto solista, tocou com as principais orquestras portuguesas e de vários países europeus e americanos e, apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo. Momento importante no seu percurso

foi a fundação, em 2006, do DSCH Schostakovich Ensemble, de que é director artístico. A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns que receberam excelentes críticas da imprensa especializada. Foi também a partir do DSCH Ensemble que criou, em Lisboa, em 2015, o Verão Clássico, que se constitui hoje como um dos mais importantes festivais e academias musicais do mundo. A sua criatividade como director artístico e curador tem-no levado a liderar vários projectos ao longo das últimas duas décadas, sendo actualmente director artístico do Festival de Música dos Capuchos, do Festival Bragança ClassicFest e curador do Ciclo de Concertos Musical-Mente no Porto. Apoiantes e dinamizadores das novas gerações de músicos, Filipe foi Professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta frequentemente *masterclasses* e criou, em 2022, o Juventus Ensemble, que junta músicos consagrados a jovens talentos emergentes.

Filipe Pinto-Ribeiro é o único pianista português nomeado “Steinway Artist”, uma distinção oficial recebida em 2014 da prestigiada marca de pianos *Steinway & Sons*.



FILIPA LEAL

foto: Ozias Filho

Nascida no Porto, Filipa Leal tem 14 livros publicados (desde 2003), entre os quais “A Cidade Líquida” e “O Problema de Ser Norte”, ou os mais recentes “Vem à Quinta-feira” e “Fósforos e Metal sobre Imitação de Ser Humano”, ambos finalistas do Prémio Correntes d’Escritas e semifinalistas do Prémio Oceanos. Está editada em Espanha, no Brasil, na Colômbia, em França e na Polónia. Formada em Jornalismo pela Universidade de Westminster, é Mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Passou também pelo Balleateatro do Porto, onde fez, durante um ano, o curso de formação de teatro para não profissionais, com Victor Hugo Pontes. Em 2013, voltou à Faculdade de Letras do Porto para uma formação em escrita de argumento. Desde 2003, participa regularmente em recitais de poesia. Destaque para o Teatro do Campo Alegre, mas também CCB, Casa Fernando Pessoa, Teatro São Luiz, Fundação Gulbenkian, Casa da Música, entre outros. Está representada em várias antologias em Portugal e no estrangeiro. Em 2010, teve um dos seus poemas exposto no Metro de Varsóvia. Em 2012 e 2014, representou Portugal em encontros literários na Alemanha – no Festival de Poesia de Berlim, e na Conferência dos Escritores Europeus. Em 2016, o seu

poema “Hoje, também os carros dançam” integrou uma instalação sonora europeia na British Library, em Londres. Em 2021, a compositora colombiana Mónica Giraldo adaptou um poema seu, que interpreta no álbum “Hubo un Tiempo”. Tem integrado alguns júris internacionais: fez parte do Júri do Prémio de Literatura Oceanos (2018) e do Júri do Prémio de Jornalismo Gabriel García Márquez (Colômbia, 2019). Poeta, jornalista e argumentista (destaque para o guião do filme “Jogo de Damas”, com a realizadora Patrícia Sequeira – Prémio de Melhor Guião nos Festivais de Cinema do Chipre e de Copenhaga; e para a série “Mulheres Assim”, na RTP1). Entre 2019 e 2024, apresentou, com Pedro Lamares, o programa de literatura “Nada Será Como Dante”, na RTP2. Nos últimos 10 anos, colaborou nos programas de televisão “Câmara Clara”, “Agora Literatura”, e “Literatura Aqui”, também na RTP2. Passou pela Rádio Nova, pelo jornal O Primeiro de Janeiro; colaborou com as revistas “Os Meus Livros” e “Pessoa”, entre outras. Em 2023, gravou, para a Imprensa Nacional, o audiolivro “Poesia Portuguesa de Francisco de Sá de Miranda”. Desde 2023, é também uma das vozes do Coliseu do Porto, no projecto “Mantras”. Acaba de publicar o livro “O vestido de noiva” (editora *Relógio D’Água*).



PEDRO LAMARES

Nasceu em 1979. Estudou teatro na Academia Contemporânea do Espectáculo.

No teatro, trabalhou mais de uma dezena de autores. No cinema participou em filmes dos realizadores João Botelho, Jorge Paixão da Costa, Vítor Gonçalves, Joaquim Leitão, António Pedro Vasconcelos, Vicente Alves do Ó e Tiago Durão. Na televisão apresentou os programas “Literatura Agora”, “Literatura Aqui” e “Nada será como Dante” (RTP2) onde, com Filipa Leal, fez também parte da equipa criativa, escolha e gravação de textos. Integrou o elenco principal de oito novelas em Portugal e uma no Brasil, protagonizou dois telefilmes da TVI e integrou o elenco principal de várias séries onde se destacam “Pecado”, “3 Mulheres”, “O Atentado”, “A Espia”, “Filhos do Rock” ou “República” – todas estas para a RTP.

Na poesia, dedica-se à escolha de textos, direcção de espectáculos e leitura em recitais e ciclos literários. Participou em mais de uma dezena de festivais literários, nacionais e internacionais. Dirige espectáculos nas áreas do teatro, música e poesia. Criou vários projectos a solo e com músicos. Nesse contexto criou, dirigiu e interpretou espectáculos com actores como Eunice Muñoz, Lúcia Moniz, Natália Luíza ou Rui Spranger e músicos como Noiserv, Rui David, Ana Isabel Dias,

Pancho Tarabbia, Filipe Pinto-Ribeiro ou Orquestra Metropolitana de Lisboa. Coordenou durante dez anos as “maratonas de leitura” do Centro Cultural de Belém, projecto a que regressou em 2024. Participou em cerca de 70 espectáculos do ciclo “Quintas de Leitura” do Teatro Municipal do Porto. Participa como criador e formador, desde 2017, em todas as edições da “Maratona de Leitura da Sertã”. Trabalhou regularmente com instituições como Casa Fernando Pessoa, Fundação José Saramago ou Instituto Camões.

É professor em escolas de teatro e formador na área da comunicação e leitura de texto para professores e actores. Desenvolve projectos de palestras e recitais para estudantes do secundário. É formador e coordenador de teatro no projecto ELO. Gravou com João Grosso os textos do CD de apoio ao manual escolar da Raíz Editores. Foi professor convidado nas escolas profissionais de teatro Academia Contemporânea do Espectáculo e Balletatro. É criador na Companhia Nacional de Espectáculos.

Levou espectáculos e criações suas a Macau, Cabo Verde, Brasil, Bélgica, Suíça e Itália. Filmou em países como Líbano, Moçambique, Brasil, Chile e Alemanha. Foi indicado a prémios nacionais como melhor actor principal e secundário por trabalhos em televisão e em cinema.



ELISABETH LEONSKAJA

foto: Marco Borggreve

Elisabeth Leonskaja é considerada uma das mais notáveis pianistas do panorama internacional e é detentora de uma carreira ao mais alto nível durante as últimas cinco décadas. Nasceu em Tbilisi, na Geórgia, descendente de uma família russa. A sua paixão pelo piano, bem como as suas capacidades artísticas prodigiosas revelaram-se muito cedo, tendo-se apresentado pela primeira vez em concerto público aos onze anos de idade. Ainda como aluna do Conservatório de Moscovo, Leonskaja foi premiada nos concursos internacionais Enescu (Bucareste), Marguerite Long (Paris) e Rainha Elisabeth (Bruxelas). Antes de deixar a União Soviética, em 1978, o convívio com Sviatoslav Richter exerceria sobre ela uma forte influência. O lendário pianista reconheceu-lhe um excepcional talento e, para além da partilha da sua experiência e dos seus conhecimentos, convidá-la-ia a formar um duo e a apresentarem-se juntos em concerto. Esta experiência conferiu a Leonskaja a maturação definitiva e o impulso decisivo para a brilhante carreira artística que se seguiria. Depois de se estabelecer em Viena, a participação de Elisabeth Leonskaja no Festival de Salzburgo, em 1979,

marcou o início da sua carreira de solista no Ocidente. Desde então, apresentou-se inúmeras vezes em recital ou em colaboração com grandes orquestras e maestros de renome internacional, tendo-se afirmado definitivamente como uma das mais conceituadas pianistas da sua geração. As suas digressões pelos mais prestigiados palcos de concertos e festivais internacionais têm incluído muitas vezes o Grande Auditório Gulbenkian.

Reconhecida como uma excelente intérprete de música de câmara, é frequentemente convidada a colaborar com solistas de primeiro plano e agrupamentos como os quartetos Artemis, Borodin ou Emerson. Realizou um grande número de gravações, tendo muitas delas recebido prémios internacionais, como por exemplo o Prémio Caecilia pelas sonatas para piano de Brahms ou o Diapason d'Or pelas suas gravações das obras de Liszt.

Membro honorário do Konzerthaus de Viena, Elisabeth Leonskaja recebeu em 2006 a mais alta condecoração da República da Áustria pelos serviços prestados à actividade cultural daquele país. Em 2020, foi distinguida com o prémio ICMA - Lifetime Achievement Award.



MARTIM SOUSA TAVARES

Martim Sousa Tavares é natural de Lisboa, onde nasceu em 1991.

Formado em Ciências Musicais e Direcção de Orquestra entre Lisboa, Milão e Chicago, cumpriu este percurso com honras académicas e bolsas Fulbright e Eckstein Foundation. Funda em 2014 em Brescia, a Orchestra di Maggio, seguindo-se em 2019 a Orquestra Sem Fronteiras, com sede em Idanha-a-Nova e que se apresentou em mais de 100 localidades entre Portugal, Espanha e Brasil, tendo vencido, em 2022, o Prémio Carlos Magno para a Juventude, do Parlamento Europeu e o prémio de música da Mirpuri Foundation. É maestro titular da Orquestra do Algarve desde Janeiro de 2023 e a sua actividade recente inclui concertos com a Orquestra da Rádio Nacional da Roménia, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmonia das Beiras e

Orquestra do Norte. Desenvolve uma actividade intensa no âmbito da comunicação cultural, tendo assinado mais de 150 programas na RTP2, RTP Palco e Antena 2. No jornal Observador, mantém uma *newsletter* e um *podcast* semanal: o mais ouvido em Portugal no domínio da música. Colabora regularmente com o teatro e, enquanto autor, destacam-se a música para *Vita & Virginia*, apresentado no Teatro São Luiz em 2021, a ópera infantil “O Anel do Unicórnio”, estreada em 2021 e apresentada em sete cidades, e “Uma Outra Bela Adormecida”, a partir do conto de Agustina Bessa-Luís, numa coprodução do Teatro Nacional de São João, Lu.Ca – Teatro Luís de Camões, Cineteatro Louletano e Centro Cultural Raiano estreada em Janeiro de 2023. No ramo da direcção artística, concebeu “A Boca do Lobo”, um ciclo de música clássica no Lux-Frágil, e é o actual director do Festival de Sintra.



MIGUEL LOUREIRO

Actor e encenador, Miguel Loureiro é um dos artistas mais requisitados do teatro português da actualidade. Foi distinguido com o Globo de Ouro SIC/Caras em 2018, pelo seu papel na peça “Esquecer”, de Dimítris Dimitriádis, encenada por Jean Paul Bucchieri, e com o Prémio Autores da SPA para melhor actor, em 2019, com “Timão de Atenas”, de William Shakespeare e encenação de Nuno Cardoso.

Nascido em 1970 e formado em Teatro pelo Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral e pela Escola Superior de Teatro e Cinema, tem trabalhado como intérprete em espectáculos de teatro, ópera e *performance*, com artistas como Nuno Carinhas, Luís Miguel Cintra, Bruno Bravo, João Grosso, Luís Castro, Lúcia Sigalho, Maria Duarte, Álvaro Correia, Fabrizio Pazzaglia, Jean-Paul Bucchieri, Carlos Pimenta, André Teodósio ou João Pedro Vaz e estruturas como a Casa Conveniente, Cão Solteiro, O Rumo do Fumo, Teatro da Comuna, ZDB e A Mala Voadora.

Em Cinema, participou como actor em diversas curtas-metragens e em filmes como “Morrer como um Homem” (2009) e “Fogo-Fátuo” (2022), de João Pedro Rodrigues. Em 2023, volta aos

grandes ecrãs como protagonista de “Ubu” de Paulo Abreu. Integrou séries de Televisão como “Os Boys”, “País Irmão”, “Ministério do Tempo”, “Sara” ou “3 Mulheres”. Encenou espectáculos como “Nova Caledónia” com André Guedes; “Do Natural”, de W.G. Sebald; “O Impromptu de Versalhes” de Molière, “Paris-Sarah-Lisboa”, “A Fera na Selva” de Marguerite Duras, “Frei Luís de Sousa” de Almeida Garrett, “A Dama das Camélias” de Dumas e “O Homem dos Sonhos”, ópera de Chagas Rosa/Mário de Sá Carneiro. É ainda autor de várias *performances*, entre elas: “MINAJesque”; “Experimentalismo Social”; “Melania Melanoma” e “O Dia do Sabat”. Recebeu um Prémio de Interpretação, atribuído em 1998 pelo teatro da Década/Clube Português de Artes e Ideias; uma Menção Honrosa em 2009 por “Juanita Castro”, atribuída pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, e foi nomeado para o Prémio de Teatro Europeu – Novas Realidades Teatrais. Com a editora Douda Correria, publicou o livro “Confissões de um Exilado no Barreiro” (2018). Desde a temporada 2023/2024, Miguel Loureiro é director artístico do Teatro Municipal São Luiz.



MIGUEL PEREIRA

foto: Fernanda Ruiz

Miguel Pereira frequentou a Escola de Dança do Conservatório Nacional e a Escola Superior de Dança, em Lisboa. Foi bolseiro em Paris (Théâtre Contemporain de la Danse) e em Nova Iorque com uma bolsa do Ministério da Cultura. Como intérprete trabalhou, entre outros, com Filipa Francisco, Francisco Camacho e Vera Mantero. Participou na peça e no filme “António, Um Rapaz De Lisboa” de Jorge Silva Melo, trabalhou com Jérôme Bel em “Shirtologia (Miguel)” (1997) e foi intérprete em “Les Inconsolés” de Alain Buffard, na remontagem da peça, em 2017. Como criador destaca os trabalhos “Antonio Miguel”, peça com a qual recebeu o Prémio Revelação José Ribeiro da Fonte, do Ministério da Cultura e uma menção honrosa do prémio Acarte/Maria Madalena Azeredo Perdigão (2000), “Notas Para Um Espectáculo Invisível” (2001), “Data/Local” (2002), “Corpo de Baile” (2005), “Karima meets Lisboa meets Miguel meets Cairo”, uma colaboração com a coreógrafa egípcia Karima Mansour (2006), “Doo” (2008), “Antonio e Miguel”, uma nova colaboração com Antonio Tagliarini (2010), “Op. 49” (2012), “Wilde” (2013) uma colaboração

com a mala voadora, “Repertório para Cadeiras, Figurinos e Figurantes” (2015) para o Ballet Contemporâneo do Norte, “Peça para Negócio” e “Peça Feliz” (2017), “Era um peito só cheio de promessas” (2019), “Falsos Amigos” (2021) em colaboração com Guillem Mont de Palol, e “Miquelina e Miguel” (2022) a partir da relação entre Miguel e a sua mãe, de 87 anos diagnosticada com demência. Em 2003, 2007 e 2015 criou para o repertório da Transitions Dance Company/Laban Centre as peças “Transitions”, “Transitions II” e “Transitions III” que integraram a tournée nacional e internacional da companhia (2003/2004, 2007/2008 e 2014/2015). No ano de 2003 foi alvo de uma mini retrospectiva nas Caldas da Rainha, integrada no ciclo “Mapas” organizado pela Transforma-AC em colaboração com a ESTGAD. O seu trabalho tem sido apresentado em toda a Europa, Brasil, Uruguai e Chile, e é professor convidado em diferentes estruturas nacionais e internacionais. Desde 2000, convidado por Vera Mantero, é artista associado da estrutura O Rumo do Fumo.



ANDRÉ HENRIQUES

André Henriques diplomado em Canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional, na classe de António Wagner Diniz, e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar Opera Performance na Royal Welsh College of Music and Drama, em Cardiff, onde estudou com Donald Maxwell. Actualmente, aperfeiçoa-se regularmente com Lúcia Lemos. No âmbito do projecto “enoa”, com Claudio Desderi e Yin Chen Lin, foi Filiberto, em “Il signor Bruschino” de Rossini, e o protagonista em “Gianni Schicchi”, de Puccini, na Fundação Gulbenkian. Interpretou ainda o Gran Sacerdote di Bello (Nabucco), Fiorello (O barbeiro de Sevilha) e Peter (Hänsel und Gretel). Em concerto, cantou “Liedeslieder Waltzes”, de Brahms, no Festival de Música de Sintra, com João Paulo Santos e Olga Prats, “Jephte” de Carissimi, “Te Deum” de Charpentier, o “Messias” de Händel, a “Paixão segundo São João” de J. S. Bach, a Missa de J. D. Bomtempo e a 9ª Sinfonia de Beethoven. Cantou o Stabat Mater de Szymanowski, sob a direcção de David Jones, no St. David’s Hall (Cardiff), o Stabat Mater de Rossini, com Jeffrey Stewart, e ainda “Acis and Galatea” e “Romeu e Julieta”, com o Coro e a

Orquestra Gulbenkian e os maestros Leonardo García Alarcón e Lorenzo Viotti, respectivamente. De entre os vários projectos em que participou, destaque para a estreia absoluta de “A Canção do Bandido” (de Nuno Côrte-Real/Pedro Mexia e encenação de Ricardo Neves-Neves), onde cantou o papel de Macaco, numa co-produção entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro da Trindade/Força de Produção, o papel titular de “Don Giovanni” de W.A. Mozart com a Orquestra Metropolitana de Lisboa (direcção de Pedro Amaral), as partes de baixo-barítono de “Die Schöpfung” de Haydn na F.C. Gulbenkian (dir. Leonardo García Alarcón), a participação num recital, inserido na série de recitais de “Um Cancioneiro Português”, com João Paulo Santos e a apresentação do ciclo “Winterreise” de Schubert, com Nuno Vieira de Almeida. Recentemente, cantou papéis como o Baixo de “A Laugh to Cry” de Miguel Azguime no O’culto da Ajuda (dir. Pedro Neves), Bellini Belcanto em “O Anel do Unicórnio”, numa produção do Teatro do Eléctrico, Don Parmenione da “L’occasione fa Il ladro” de Rossini, no Festival de Música de Sintra, e Don Alvaro do “Viaggio a Reims”, no CCB.





FREDERICO PROJECTO

Frederico Projecto iniciou os seus estudos musicais aos oito anos de idade, no curso de Guitarra do Conservatório Regional de Setúbal, tendo, em 2006, ingressado no curso de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa. É licenciado em Direcção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa, e frequentou, durante três anos, a licenciatura em Direcção de Orquestra, na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com o Prof. Jean-Marc Burfin. Em 2011, estreou-se como solista em “Momento” de K. Stockhausen, dirigido pelo maestro Peter Eötvös, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, e desde então tem-se apresentado regularmente como solista no âmbito de repertório sinfónico, tendo cantado “Pulcinella”, de I. Stravinsky, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, no CCB; a “Cantata Hodie festa sunt dicata”, de A. Duni, no Festival Duni, em Matera (Itália), com o Americantiga Ensemble; e o “Requiem” de W.A. Mozart, com a Orchestra Canova, no Festival de

Sintra. No domínio da Ópera/Óratoria, apresentou-se como Tamino, no Operafest, na versão portuguesa de “A Flauta Mágica”, de W. A. Mozart; cantou também o papel Nemorino em “L’Elisir d’Amore” de G. Donizetti, no Centro Cultural de Belém, com a Orquestra Metropolitana e mais recentemente no Auditório dos Oceanos, com o Estúdio de Ópera Encontro de Sons; o papel de Visitor na ópera “In the Penal Colony”, de Philip Glass, no Teatro São Luiz; Don Luigino, na ópera “Il Viaggio a Reims”, de G. Rossini, no Centro Cultural de Belém; interpretou o papel de “Homem”, na ópera “O Tempo (Somos Nós)” de F. Fontes, P. Lima e N. da Rocha, no âmbito do projecto “Traction” – Ópera na Prisão, apresentado no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian; e mais recentemente integrou o elenco de solistas na gravação, em CD, da oratória “Theodora”, de G. F. Händel, com a Capella Mediterranea, sob a direcção de Leonardo García Alarcón.



PAGANINI ENSEMBLE VIENNA

O Paganini Ensemble Vienna foi fundado em 2019 e é um dos primeiros agrupamentos a focar-se essencialmente nas obras de música de câmara de Paganini. O Ensemble apresenta com frequência repertório raramente interpretado, oferecendo ao público visões únicas da extensa obra de Paganini para violino, guitarra, viola e violoncelo, partindo de uma interpretação historicamente informada. O Ensemble foi convidado por uma das principais editoras discográficas italianas, a “Dynamic”, a gravar a obra completa de música de câmara de Paganini, contando com três álbuns já editados e aclamados pela crítica. Como resultado deste projecto, o *ensemble* descobriu novos e fascinantes paralelos com as obras de outros importantes compositores clássicos, românticos e modernos, muitos dos quais foram inspirados pela música de Paganini. Entre 2021 e 2023, o Paganini Ensemble Vienna apresentou-se por toda a

Europa e no Canadá, em prestigiadas salas de concerto como o Auditório Nacional de Madrid, na Konzerthaus Vienna, em Montreal, Ottawa, Santander, Burgos; e em festivais de música internacionais e temporadas de concertos em Vilnius, Ghent, Varna, Collingwood, Sofia, Plovdiv, Varsóvia e Udine, entre outros. Os membros do Ensemble mantêm contacto contínuo com várias instituições proeminentes dedicadas a promover a vida e a música de Niccolò Paganini, incluindo a Sociedade Paganini de Génova, e a Biblioteca Casanatense em Roma, onde se encontram muitos dos manuscritos originais do compositor. O Ensemble promove entusiasticamente a música contemporânea e estreou muitas obras que lhe foram dedicadas por compositores aclamados, como Tomás Marco Aragón, Alessandro Solbiati, Rainer Bischof, Richard Duenser, Gabriele Proy, Tristan Schulze, Gheorgi Arnaudov.



MARIO HOSSEN

foto: Oskar Schmidt

Violinista austro-búlgaro Mario Hossen é considerado um dos grandes virtuosos dos nossos dias e um dos principais intérpretes da música de Paganini. Como solista aclamado internacionalmente, Hossen tocou com orquestras de renome, como a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Viena, a Orquestra della Scala di Milano, Academy of St. Martin in the Fields, English Chamber Orchestra, a Sinfónica Tchaikovsky de Moscovo, entre muitas outras.

Elogiado pelo seu virtuosismo ímpar e pela presença carismática em palco, Hossen toca um repertório que vai do Renascimento à música contemporânea e ao jazz.

Recebeu vários prémios de prestígio, entre eles o Prémio Cidade de Sófia – Músico do Ano.

Mario Hossen é director artístico do Festival Internacional de Varna, o mais antigo festival de música da Bulgária, fundado em 1926 e recentemente premiado pela Associação Europeia de Festivais.

Os seus esforços musicológicos e artísticos estão focados, entre outros temas, na pesquisa sobre Paganini. Hossen editou a obra completa de Paganini para violino solo e para violino com orquestra, que está disponível como edição histórico-crítica pela editora austriaca Doblinger. Gravou vários álbuns aclamados com a estreia mundial das peças mais famosas de Paganini na sua versão original, editadas pela principal editora italiana “Dynamic”.

Os seus álbuns mais recentes incluem as sonatas para violino e piano de Beethoven, os concertos para violino de Paganini e Bruch e as sonatas para violino e cravo de Bach, gravadas em conjunto com Barbareschi.

Como maestro, dirige a Orquestra de Câmara de Viena na temporada de concertos “Concert Spirituel”, em Viena.

Mario Hossen toca num violino construído por G. B. Guadagnini em 1749, cedido para o seu uso exclusivo pelo Banco Nacional da Áustria.



MARTA POTULSKA

foto: Oskar Schmidt

Violinista polaca Marta Potulska estudou com Matthias Maurer na Universität für Musik und Darstellende Kunst em Graz, Áustria, e foi professora assistente da sua classe, de 2012 a 2014.

Actualmente, é membro da Orquestra de Câmara de Viena, Wien International Soloists Ensemble, Varietas Ensemble e do Ensemble de Burgtheater, em Viena. É também membro fundador do Paganini Ensemble Vienna.

No âmbito da música de câmara, tocou com personalidades de Marek Drownowski, Elena Denisova, Kerstin Feltz, Pierre-Henri Xuereb, Teresa Turner Jones e Rudolf Leopold. Marta Potulska participa regularmente em diversos festivais internacionais de música como Salzburger Festspiele, Golling Festspiele, Styriarte, Eggenberger Schlosskonzerte, St. Gallen Festival, Park City Music

Festival, International Suzuki Institute, Strings Only em Zadar, Osor Music Evenings Festival, International Music Interpretation Festival (ZAS) e Bled Festival, bem como no Arsana Art Festival Ptuj, na Eslovénia.

Foi laureada em diversos concursos internacionais, incluindo primeiros prémios no Johannes Brahms Competition, Áustria, e no International Bled Competition and Festival, na Eslovénia. Foi também vencedora de um prémio especial na Lionel Tertis International Viola Competition, na Ilha de Man, no Reino Unido.

Marta Potulska gravou 5 CDs, no âmbito da integral para Trio de Cordas e Guitarra, de Paganini, sob encomenda da editora italiana “Dynamic”. Para esta editora, gravou também os Quartetos com Flauta de Mercante e a Sinfonia *Concertante per tre Instrumenti* de Mozart.



LILIANA KEHAYOVA

foto: Martin Zeman

A violoncelista búlgara Liliana Kehayova é actualmente Professora de Violoncelo na New Bulgarian University, em Sófia, e, desde 2014, é directora da International Music Academy Orpheus em Viena. Graduou-se na Escola Nacional de Música “Lyubomir Pipkov”, em Sófia, na classe da professora Anna Atanasova, e concluiu o mestrado no Conservatório de Viena, sob orientação da professora Lilia Schulz-Bayrova. Apaixonada pela música de câmara, Kehayova tem participado em numerosos festivais internacionais de música em vários países europeus, colaborando com músicos como Mario Hossen, Gérard Caussé, Vladimir Mendelssohn, Boris Meresson, Romain Leleu, Raffaele Mallozzi e Rudolf Leopold. É membro fundador do Paganini Ensemble Vienna, com o qual se encontra a gravar a integral da

obra completa de música de câmara de Niccolò Paganini para a editora italiana “Dynamic”. Tem vindo a apresentar-se em algumas das mais relevantes salas europeias, entre as quais a Musikverein (Viena), Athenaeum (Bucareste), Salas Rudolfinum-Dvořák e Smetana Hall (Praga), Palau de la Música Catalana (Barcelona), Bulgária Hall (Sófia). Apresentou-se como solista com orquestras como a Sofia Philharmonic Orchestra, Mitteleuropa Orchestra Udine, Varna Philharmonic Orchestra, Sinfonietta Vratsa, Chamber Orchestra “Orpheus”, North Czech Philharmonic Teplice, entre outras. Liliana Kehayova foi laureada em vários concursos internacionais, entre os quais se destacam o 1º Prémio no Concurso “Fidelio”, em Viena, e o 1º Prémio “Concertino Prague”, na República Checa.



ALEXANDER SWETE

Alexander Swete é um dos guitarristas mais conceituados e requisitados da actualidade. A sua expressividade, sensibilidade e mestria tem encantado tanto a crítica como o público. Estudou no Conservatório em Bregenz com Georg Gaupp-Berghausen e na Academia de Música de Viena com Konrad Ragossnig, onde se destacou em prestigiados concursos internacionais de guitarra (Havana/Cuba e ARD Munich). Este reconhecimento internacional teve início em 1991, quando conquistou o 1º Prémio no Concurso Internacional de Guitarra da Rádio France em Paris, o mais conceituado concurso de guitarra do mundo. Desde então, tem dado concertos em muitas das principais salas de concerto, como Carnegie Hall em Nova Iorque, Royal Festival e Wigmore Hall em Londres, Radio France em Paris, Filarmonias Kiev, Munich Herkulesaal em Munique, Musikverein em Viena. É convidado habitual em festivais internacionais de guitarra e noutros célebres festivais de música, como Allegro Vivo, Festivais de Salzburgo e Bregenz, Schubertiade Schwarzenberg, Schleswig Holstein. O seu vasto repertório inclui obras para guitarra a solo, todos os principais concertos para guitarra e orquestra, música de câmara para vários

agrupamentos e diversos programas de canções. Em virtude do seu interesse pela música contemporânea, teve o privilégio de estreiar várias obras que lhe foram dedicadas. Como solista, tem-se apresentado com importantes orquestras sinfónicas e de câmara. No âmbito da música de câmara, tocou com membros da Orquestra Filarmónica de Viena e da Orquestra Sinfónica de Viena, com o Quarteto de Cordas de Manhattan, o Quarteto Hugo Wolf e com músicos como Tabea Zimmermann, Peter Schreier e Wolfgang Holzmair. Além dos seus diversos projectos, como o trio Swete-Bertel-Sepec, Guitar4mation, HappyNewEar, Il Duende (com Sofia Taliani e Günter Voglmayr), tocou ainda com o Klangforum e o New Art Ensemble, cuja gravação de “Quest” e “Songs, Drones and Refrains of Death” de G. Crumb foi distinguida como Escolha do Editor na revista Gramophone. É detentor de uma ampla discografia e gravou para ORF, WDR, ARD, NDR, BBC London, Radio France, Radio España, SBS, Sydney, Tokyo Cablevision. Desde 1998, Alexander Swete é Professor de Guitarra na Universidade de Música e Artes de Viena e é frequentemente convidado para integrar o júri de concursos internacionais.



ARTE MINIMA

Fundada em 2011 por Pedro Sousa Silva, Arte Minima é um projecto dedicado à interpretação de música dos séculos XV, XVI e XVII, com especial relevo para a produção musical portuguesa desses períodos. Os métodos de trabalho empregues pelo grupo assentam em modelos explorados no âmbito de investigação académica, e que procuram transferir para o século XXI ferramentas de aprendizagem e interpretação musical oriundas do renascimento. O trabalho interpretativo é feito directamente a partir das fontes originais, sem a mediação de transcrições modernas, e a perspectiva filológica estende-se a todos aspectos (teoria, instrumentos, afinações) numa procura incessante de uma maior compreensão das linguagens musicais do passado. Os concertos realizados pela Arte Minima procuram colocar em destaque obras esquecidas das fontes portuguesas, quase sempre com propostas de primeiras audições modernas de compositores como Estêvão Lopes Morago, Pedro de Cristo, Vicente Lusitano, Francisco de Santa Maria, Miguel da Fonseca, André Moutinho, entre muitos outros e anónimos. A discografia do grupo inclui os álbuns “In Splendoribus” (2021) com música

oriunda da Sé de Braga e Mosteiro de São Bento da Vitória do Porto, “Missa O beata Maria” (2023) dedicado à figura de Francisco de Santa Maria. Entre 2023 e 2025, editará na prestigiada editora *Pan Classics* um novo disco com música de Francisco de Santa Maria (projecto apoiado pela Fundação GDA e realizado em cooperação com o CESEM-UNL) e três com a integral dos motetos da coleção *Liber Primus Epigramatum*, de Vicente Lusitano (projectos financiados pela DGArtes e Caixa Cultura). Os projectos da Arte Minima têm contado com o apoio da DRCN, Fundação GDA, DGArtes, CESEM, ESMAE-IPP, Instituto Politécnico do Porto, PORTIC-Porto Research, Technology & Innovation Center, Património Cultural, Caixa Geral de Depósitos, Câmara Municipal do Porto, Antena 2 e União Europeia (através do programa Culture Moves Europe).



PEDRO SOUSA SILVA

Enquanto intérprete especializado nos repertórios medieval, renascentista e barroco, Pedro Sousa Silva possui uma carreira de mais de 25 anos. Após estudos musicais com Pedro Couto Soares (ESML) e Pedro Memelsdorff (Civica Scuola di Musica di Milano), musicologia (Universidade Nova de Lisboa), realizou um doutoramento na Universidade de Aveiro com uma tese que aborda a interação entre teoria e prática no renascimento. Realizou cerca de 200 concertos na maior parte dos países da Europa ocidental e Brasil, sempre no contexto de grupos especializados na interpretação histórica, destacando-se as suas colaborações com músicos de renome como Enrico Onofri, Riccardo Minasi, Lawrence Cummings ou Amandine Beyer. Actualmente, desenvolve a maior parte da sua actividade artística com o seu grupo Arte Minima (dedicado à música portuguesa do século XVI), com a orquestra barroca Gli Incogniti (dir. Amandine Beyer), onde actua como solista num programa em torno dos concertos de J. S. Bach, e com o grupo medieval Vozes Alfonsinas (dir. Manuel Pedro Ferreira). É professor na ESMAE, desde 2002, onde foi co-responsável pela criação do Curso de Música Antiga e fundador da pós-graduação Polyphonia. É convidado regular das

mais prestigiadas instituições musicais internacionais para dar *masterclasses* de flauta ou seminários sobre aspectos relacionados com a interpretação do repertório renascentista (e.g. Schola Cantorum Basiliensis, Universität für Musik und darstellende Kunst Wien, Joseph Haydn Konservatorium, Koninklijk Conservatorium Brussel, Norges Musikkhøgskole, Akademie für Alte Musik Bremen, Hochschule für Musik Trossingen, Universidade Estadual de São Paulo). Enquanto académico, promove uma forte articulação entre investigação histórica e *performance*, e é nessa perspectiva que integra, actualmente, 3 equipas de investigação internacionais em temáticas medievais e renascentistas. Desde 2007, desenvolve também actividade no campo da produção discográfica, tendo produzido e editado os CDs “Arte da Usurpação” (Phonoedition 2007) e “The Bad Tempered Consort” (Challenge Classics 2009) do grupo A Imagem da Melancolia (este eleito pelo jornal Público como um dos melhores 10 discos de música clássica desse ano), Volúpia (Numérica 2012) do Ensemble Darcos (música de Nuno Côte-Real); Royné des Fleurs (CESEM-P.Porto 2021) do *ensemble* Sesquialtera e In Splendoribus (musicusminusculus 2021) do grupo Arte Minima.



ELSA DE LACERDA

foto: Johannes Vande Voorde

Agraciada com uma medalha do governo belga aos 14 anos, a violinista belga lusodescendente Elsa de Lacerda venceu o concurso do Crédit Communal e apresentou-se, alguns meses depois, como solista com a Orquestra Real Filarmónica de Liège. Posteriormente, integrou a classe de Endré Kleve no Conservatório Real de Bruxelas, onde ganhou cinco Primeiros Prémios e Diplomas Superiores com Grande Distinção.

Aperfeiçoou-se nos Estados Unidos, no Festival Eastern Music, e na Accademia Chigiana, em Siena. Estudou com Walter Levin do Quarteto Lasalle, com Rainer Schmidt do Quarteto Hagen, com Heime Müller e Natalia Prischepenko do Quarteto Artemis, e com Eberhard Feltz e membros do Quarteto Danel.

Primeiro violino do Quarteto Alfama durante 15 anos, Elsa de Lacerda apresentou-se em inúmeras salas e festivais internacionais de prestígio, nomeadamente: Bozar, de Singel, Philharmonie du Luxembourg, Festival d'Ambronay, Cité de La Musique, Philharmonie de Paris, Flagey, Musée d'Orsay, Festival de Stavelot, Flaneries Musicales de Reims, Festival Artonov, Opéra de Bordeaux, Opéra de Dijon,

Opéra de Rouen, Festival de Cran Montana e Racinotes. Colabora, frequentemente, com os pianistas Pierre Solot, Elodie Vignon, Nathanaël Gouin; com os violoncelistas Marie Hallynck, Kacper Nowak; e com as cantoras Jodie Devos e Albane Carrère. Gravou sete álbuns para as editoras Musica Ficta, Fuga Libera, Cyprès e Harmonia Mundi que receberam os melhores elogios por parte da crítica belga e internacional.

O seu CD "Still Schubert" foi editado pela editora Cyprès e ganhou o Prémio Octave de la Musique, em 2020.

Em 2023, edita o seu último álbum "Change" em conjunto com o pianista Pierre Solot para a editora Cyprès, com obras associadas a cantos e melodias revolucionárias e de resistência.

Nos últimos 20 anos, tem-se dedicado paralelamente a outra paixão: o jornalismo e a crítica musical.

Foi produtora e apresentadora no programa de rádio Musiq3 - RTBF e apresentou por várias vezes o Concurso Rainha Elisabeth para a televisão e a rádio belgas.

Elsa de Lacerda toca num violino florentino construído por Tomaso Carcassi em 1766, colocado à sua disposição pela Collection Michaël Guttman.



NATHANAËL GOUIN

Nathanaël Gouin está entre os mais destacados jovens pianistas da sua geração. Muito requisitado enquanto solista e músico de câmara, Nathanaël apresentou-se em inúmeros concertos por toda a Europa, Ásia e Estados Unidos, tendo sido convidado a participar nos festivais Folle Journée de Nantes ou Le Festival International de Piano à La Roque d'Anthéron (ambos em França), e em salas de concerto como o Palais des Beaux Arts em Bruxelas ou a Cité de la Musique em Paris.

Nascido em França, Nathanaël é apaixonado pelo ecletismo da música desde os 4 anos de idade. Formado no Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris, na Juilliard School em Nova Iorque, bem como na Hochschule für Musik em Freiburg (Alemanha), Nathanaël foi Artista Residente na Queen Elizabeth Music Chapel em Waterloo (Bélgica), onde foi orientado por Maria João Pires. Com o projecto Partitura, que reuniu diversas gerações de músicos, criado e dirigido pela pianista Maria João Pires, Nathanaël apresentou-se no Japão, Espanha, Alemanha, entre outros países.

A música de câmara desempenha

um papel significativo na sua vida artística, sendo um parceiro regular de intérpretes de renome como Renaud Capuçon, Augustin Dumay, Astrig Siranossian e Raphael Sévère. Além disso, Nathanaël formou um duo de piano e violino com Guillaume Chilleme, que gravou álbuns com obras de Ravel e Schubert. O seu mais recente álbum a solo, intitulado "Caprices", gravado para a editora francesa Mirare, tem recebido rasgados elogios da crítica especializada. Nathanaël conquistou diversos prémios em concursos internacionais, como o Concurso Johannes Brahms em Pörtlach (Áustria) e o Concurso Internacional de Música de Câmara de Lyon (França). Além disso, foi bolseiro da Fondation d'Entreprise Banque Populaire e da Fondation Meyer, e actualmente, é artista residente da Fondation Singer-Polignac.



JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um projecto de música de câmara que tem como objectivo tornar-se uma plataforma de criação e um catalisador de oportunidades para jovens músicos de reconhecido talento.

Fundado em 2022, o Juventus Ensemble teve o seu concerto de estreia em Bragança, na Igreja de São Francisco, no âmbito do Festival Bragança ClassicFest, com obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák. Agrupamento musical de geometria variável, o Juventus Ensemble promove concertos e residências artísticas com a colaboração de artistas de renome mundial – tais como Pascal Moraguès e Stephan Picard –, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais, com o intuito de acolher e valorizar os melhores talentos emergentes do panorama musical.

Entre os jovens músicos que integraram os concertos do Juventus Ensemble, destacam-se os violinistas Amia Janicki, Malina Ciobanu, Manuel Almeida-Ferrer, Tomás Soares e Alfonso Pinto-Ribeiro, os violetistas

João Abreu, Mafalda Costa Reis e Sofia Silva Sousa, os violoncelistas Beatriz Raimundo, João Pedro Gonçalves e Pedro Gomes da Silva, a oboísta Luísa Bandeira, o clarinetista João Paiva, o trompista Luís Duarte Moreira e a flautista Sónia Pais.

Em Fevereiro de 2023, o Juventus Ensemble apresentou a estreia mundial do Sexteto “Dreaming and Thinking” do compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto. Também, em 2023, o Juventus Ensemble fez a sua estreia no Festival de Música dos Capuchos e apresentou dois concertos no Festival de Musique de Prémery, em França. O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura.



STEPHAN PICARD

Violinista alemão na elite musical há mais de três décadas, Stephan Picard é, desde 1995, Professor na Escola Superior de Música “Hanns Eisler”, em Berlim, depois de ter leccionado nas Escolas Superiores de Música de Mainz, Munster e Aachen. Muitos dos seus alunos obtiveram sucesso como professores de música, solistas de concerto, músicos de câmara e em grandes orquestras sinfónicas, como a Orquestra Filarmónica de Berlim, e obtiveram prémios em importantes concursos internacionais, como o Rainha Elizabeth e o de Genebra. Nascido em Barcelona numa família franco-alemã, Stephan Picard cresceu em Espanha e na Alemanha. Estudou com Saschko Gawriloff, Wolfgang Marschner, Rami Shevelov e Roman Nodel. Venceu vários concursos, entre os quais o Concurso de Música Alemã (Deutscher Musikwettbewerb), o Concurso Internacional de Música Maria Canals em Barcelona e o Concurso Rodolfo Lipizer em Itália. Interpretou o repertório de concertos para violino com diversas orquestras alemãs, incluindo a NDR Radiophilharmonie Hannover, a Orquestra Beethovenhalle Bonn, a

Filarmónica de Bremen e a Orquestra de Câmara de Munique. Apaixonado pela música de câmara, foi membro de *ensembles* consagrados como o Quarteto de Cordas Michelangelo e o Trio Mendelssohn de Berlim. A sua discografia também inclui um CD com “Chiffren” de Wolfgang Rihm com a Musikfabrik NRW.

Concertos e *masterclasses* levam-no frequentemente por toda a Europa, Coreia, Japão, EUA, Canadá, América do Sul e Nova Zelândia. Durante muitos anos, Stephan Picard foi o concertino da orquestra da ópera Stadttheater Aachen e depois da Orquestra de Câmara de Munique; foi também concertino convidado da NDR Symphonie-Orchester e da Orquestra Filarmónica de Berlim. Stephan Picard foi chefe do departamento de instrumentos de cordas da Escola Superior de Música “Hanns Eisler” de Berlim, durante mais de dez anos, e foi membro do júri de vários concursos internacionais, como Max Rostal, Leopold Mozart e de Seul. Stephan Picard toca um violino construído em Mântua por Petrus Guarnerius, em 1715.



TOMÁS SOARES

O violinista Tomás Soares teve as suas primeiras aulas de violino aos 7 anos. Estudou na Escola de Música do Colégio Moderno, em Lisboa, e actualmente frequenta o Mestrado em Performance, na Bélgica, no Conservatório Real de Antuérpia, e o mestrado em Performance Solo, na Folkwang Universität der Künste, na Alemanha.

Participou em várias *masterclasses*, orientadas pelos Professores Gerardo Ribeiro, Gwendolyn Masin, Aníbal Lima, Alissa Margulis, Albert Markov, Ilya Grubert e Sergey Ostrovsky, entre outros.

É violinista do Quarteto Tejo, com o qual obteve, em 2019, o 1º prémio no concurso Prémio Jovens Músicos, da Radiodifusão Portuguesa, e tem-se

apresentado em diversos festivais e temporadas de concertos. Colaborou com o Juventus Ensemble em concertos no Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto, e no 3º Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest. Apresenta-se regularmente como violinista da Orquestra Metropolitana de Lisboa e da Orquestra de Câmara Portuguesa.



SOFIA SILVA SOUSA

A violetista Sofia Silva Sousa nasceu em Braga, onde estudou no Conservatório Calouste Gulbenkian. Graduou-se em 2018 em Londres, na Royal Academy of Music, na classe de James Sleight e Martin Outram. Em 2020, concluiu o mestrado no Royal College of Music, em Londres, onde integrou a classe de Nathan Braude.

Foi Artista Residente na Capela Musical Rainha Elizabeth, em Waterloo, na Bélgica, entre 2018 e 2023, sob a orientação do Professor Miguel da Silva. Sofia Silva Sousa estreou-se como solista com a Orquestra Sinfónica Portuguesa em 2016, após vencer o Concurso de Cordas Vasco Barbosa (Portugal). Em 2018, foi distinguida em Portugal

como Jovem Músico do Ano e, nesse mesmo ano, tocou como solista com a Orquestra Gulbenkian. Conquistou ainda o Prémio Maestro Silva Pereira, na sequência da sua vitória na 32ª edição do Prémio Jovens Músicos da Radiodifusão Portuguesa.

No âmbito da música de câmara, é membro fundador do Quarteto Tejo, que foi premiado pela primeira vez em 2019, na categoria de música de câmara, e colaborou com o Juventus Ensemble.

Desde 2021, Sofia Silva Sousa é violetista da Orquestra Sinfónica de Londres.



GEIRTHRUDUR GUDMUNDSOTTIR

JÚLIO RESENDE

foto: Hugo Silva

Elogiada pela sua forma de tocar “ágil e apaixonada”, pela sua “maturidade notável”, assim como pela “interpretação sincera e honesta”, a violoncelista islândico-americana Geirthrudur Gudmundsdottir já se apresentou em salas de referência internacional como o Carnegie Hall, em Nova Iorque e o Southbank Centre, em Londres. Tocou ainda, enquanto solista, com a Orquestra Sinfónica da Islândia e com a Orquestra Sinfónica da Royal Academy of Music de Londres, entre outras.

Graduou-se na Juilliard School em Nova Iorque, na Northwestern University em Illinois e na Royal Academy of Music em Londres. A sua apresentação no Harpa Concert Hall das seis Suintes para Violoncelo de Bach foi aclamada como “uma experiência impressionante” (Fréttabladid, Islândia).

Geirthrudur conquistou prémios em diversos concursos, incluindo o Concurso Internacional de Violoncelo

Anton Rubinstein, o Concurso Hellam Young Artist e o Concurso da Associação Internacional de Artistas de Nova Iorque.

Foi premiada com a Medalha de Ouro e o Grande Prémio no Concurso de Música de Câmara Fischhoff e apresentou-se no Banff International String Quartet Competition de 2022, com o Quarteto de Cordas Terra String. Além do seu trabalho como violoncelista moderna, Geirthrudur tem um grande interesse em interpretação historicamente informada e em direcção musical. Estudou violoncelo barroco com Phoebe Carrai e Tanya Tompkins e apresentou-se no Valley of the Moon Music Festival, na Califórnia. Estreou-se como maestrina com a Orquestra Sinfónica da Islândia em 2023, como membro da Academia de Direcção Musical da orquestra. Para além da sua paixão pela música, Geirthrudur tem um gosto especial por literatura, fotografia e xadrez.

É um dos mais internacionais músicos portugueses e conta já com nove álbuns editados, num percurso que se inicia no Jazz, passa pelo Fado e pela Palavra, numa procura contínua do lugar perfeito que nunca existe.

Depois de ter gravado os seus três primeiros projectos em nome próprio em formato de trio e quarteto de Jazz, decide pensar a improvisação sobre outros géneros musicais, como é o caso do Fado. Baseando-se em temas de Amália Rodrigues, Júlio Resende apresenta novos desafios: trazer o Fado ao piano. “Amália por Júlio Resende”, editado em 2013 pela Valentim de Carvalho, foi unanimemente aclamado por toda crítica musical portuguesa.

Na sequência do seu primeiro projecto a solo onde integra Fado e Jazz, Júlio Resende lançou em 2015 o seu quinto álbum “Fado & Further” com a participação da catalã Sílvia Pérez Cruz, uma das maiores cantoras de Espanha. O seu sexto álbum cruza a palavra e a poesia, num feliz encontro com o Psiquiatra e Sexólogo Júlio Machado Vaz. “Poesia Homónima” (2016), com poemas de Eugénio de Andrade e Gonçalo M. Tavares, na voz inconfundível de Júlio Machado Vaz, acompanhadas pela improvisação do piano de Júlio Resende. A partir da poesia inglesa de Fernando Pessoa, forma uma banda de pop/rock com

influências de música *indie* e electrónica, à qual dá o nome de Alexander Search, um dos mais importantes heterónimos de Pessoa. O disco, lançado em 2017, entrou directamente para a terceira posição do top nacional de vendas.

“Cinderella Cyborg”, álbum lançado em 2018, é uma aventura musical, entre o acústico do piano, da bateria e do contrabaixo, e os sons electrónicos dos pads e chips. Em 2019, os pianistas Júlio Resende e Maria João Pires, actuaram juntos num espectáculo único, num diálogo musical que procurava criar uma nova “receita de concerto”, com improvisação, fantasia e inspiração. 2020 foi o ano em que Júlio Resende lançou o álbum “Júlio Resende – Fado Jazz Ensemble”. Este projecto único no mundo do Jazz e World Music sintetiza um diálogo entre o Jazz e o Fado. O conjunto instrumental é composto por um trio de Jazz – piano, contrabaixo e bateria – juntamente com a distinta guitarra portuguesa.

Em 2022, Júlio Resende lançou mundialmente o seu álbum “Fado Jazz” pela etiqueta ACT Music e recebeu excelente acolhimento da crítica internacional. O seu último álbum, “Filhos da Revolução”, foi lançado novamente pela Sony Music e pela ACT Music, em 2023.



BRUNO CHAVEIRO

Bruno Chaveiro nasceu em 1993 e, com apenas 7 anos de idade, começou a aprender viola de Fado, em Montemor-o-Novo. Desde então que o Fado faz parte da sua vida. Aos 11 anos, apresentou-se pela primeira vez em palco. Mais tarde, com 15 anos, atreve-se a experimentar a Guitarra Portuguesa e apaixonou-se de imediato. Começou então a estudar e a debruçar-se sobre o instrumento e, cada vez mais, a Viola de Fado foi ficando para trás. Já em 2010 (com 17 anos de idade) decide assumir-se enquanto Guitarrista. Em 2011, começa a ser requisitado por algumas casas de Fado em Lisboa, sendo que, já desde 2007, era músico residente da Casa de Fados O Bota Alta, em Évora. Depois de perceber que não podia “fugir” da paixão pela Guitarra Portuguesa e pelo Fado, Bruno Chaveiro decide dedicar-se profissionalmente. Ingressou, em 2013, na licenciatura em Guitarra Portuguesa na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB). Tornando-se discípulo do Mestre Custódio Castelo, termina a licenciatura em 2016 com distinção e nota máxima (20 valores). Desde 2016, tem vindo a colaborar com alguns dos maiores artistas

do panorama musical português como Raquel Tavares, Mísia, Pedro Moutinho, Celeste Rodrigues, Carminho, Cuca Roseta, Buba Espinho, Marco Rodrigues, Ana Laíns entre outros. Da sua história e percurso também fazem parte as casas de fado mais emblemáticas de Lisboa. Em 2017, começa uma viagem pela composição quando percebe que tem vontade de partilhar as suas criações e as suas músicas preferidas com o público. Esta vontade, aliada a 17 anos de vivência no fado, 10 anos a tocar Guitarra Portuguesa e 5 anos a viajar pelo mundo em prol do Fado e da Música Tradicional Portuguesa, culmina no seu primeiro disco a solo: “Desatino”, lançado em 2019: um álbum fresco no que ao repertório e arranjos diz respeito, evocando alguns dos maiores Guitarristas Portugueses como Fontes Rocha, José Nunes, Domingos Camarinha, Casimiro Ramos e Custódio Castelo, bem como o seu repertório e composições próprias. Em trio, quarteto ou quinteto, Bruno Chaveiro leva a sua Guitarra por um caminho audaz, passando pela tradição do Fado, pela música popular e assumindo as suas criações, com imenso talento e a irreverência própria da juventude.



ALEXANDRE FRAZÃO

Alexandre Frazão é natural de Niteroi, no Rio de Janeiro, Brasil, e veio para Portugal com 19 anos, onde se radicou desde 1987. Em 1984, ainda no Brasil, ingressou no Conservatório, tendo também estudado com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach. Em Portugal, dedicou-se, principalmente, ao jazz e à música improvisada, tendo colaborado, entre outros, com Maria João (cantora) e Mário Laginha, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Carlos Barretto, Ficções, Dave O’Higgins, Perico Sambeat, Jon Freeman, Mark Turner. Pela sua versatilidade, é frequentemente solicitado para gravar com músicos de outros idiomas musicais, tendo trabalhado, por exemplo, com Resistência, Pedro Abrunhosa, Rui Veloso, Ala dos Namorados, Nuno Rebelo, Rão Kyao, Dead Combo, Júlio Pereira, Joel Xavier e Tim Tim por Tim Tum com Jim Black. Tendo participado em muitos discos de outros artistas são, no entanto, importantes marcos da sua carreira os discos “Nocturno” de Bernardo Sasseti, “Filactera” de Mário Delgado, “Undercovers” de Maria João e Mário Laginha, “Tempo” de Pedro Abrunhosa, e os DVDs de Rui Veloso,

“O Concerto Acústico”, e Ala dos Namorados, “Ao Vivo no São Luiz”. Com Mário Delgado e Sérgio Carolino fundou o Trio TGB (Tuba, Guitarra, Bateria) em 2002, com quem gravou o disco com o mesmo nome. Com os vários grupos que integrou e integra, tem feito vários concertos em Portugal e no estrangeiro, em França, Alemanha, Espanha, Brasil, China, Bélgica, Dinamarca e participado em inúmeros festivais, dos quais se destacam, por exemplo, Jazz em Agosto, Festival Europeu do Porto, Jazz em Serralves e Festival Internacional de Macau. Actualmente, Alexandre Frazão participa no grupo Tim Tim por Tim Tum e no grupo Led On, de tributo aos Led Zeppelin, mantendo, no entanto, uma actividade regular com outros artistas, no jazz e noutras áreas musicais. Alexandre Frazão é um músico multifacetado, que se expressa tanto nos vários idiomas jazz, como noutros estilos de música, da música pop ao rock, ou da música tradicional portuguesa a estilos experimentalistas, entre outros, recorrendo de modo inventivo a vários recursos da bateria, para se expressar com uma concepção muito elástica de ritmo e textura.



ANDRÉ ROSINHA

foto: António Zarco

Natural de Sintra, André Rosinha iniciou os estudos de contrabaixo aos 20 anos, estando inscrito em simultâneo no Conservatório Nacional, na Escola Jazz Luiz Villas-Boas – Hot Clube de Portugal e ainda acompanhado em aulas privadas com Demian Cabaud. Em 2010, participa no Lisbon Jazz Summer School como bolseiro da Escola Jazz Luiz Villas-Boas, onde teve a oportunidade de aprender com nomes maiores da cena jazzística norte americana, como são os casos de Danilo Perez, Ben Street, Adam Cruz, Rogerio Boccato e Rudresh Mahanthappa. Assistiu ainda a seminários e *masterclasses* com Dave Holland, Matt Penman, Aaron Goldberg, Reuben Rogers, Greg Hutchinson, Chris Cheek, Jorge Rossy, Matt Renzi, Jon Irabagon, Paulinho Braga ou Matt Pavolka. Em 2011 foi convidado para fazer parte do corpo docente da Escola Luiz Villas-Boas – Hot Clube de Portugal, onde é professor desde então. Licenciou-se em Contrabaixo Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa em 2014. “Pórtico” dá nome ao seu primeiro disco como líder de uma banda, onde toca originais seus com os músicos João Barradas, Albert Cirera, Eduardo Cardinho e Bruno Pedroso. O seu segundo disco em nome próprio, “Árvore”, conta com a participação do

pianista João Paulo Esteves da Silva e do baterista Marcos Cavaleiro. O projecto foi apresentado no Centro Cultural de Belém, Jazz 2020 organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Seixal Jazz e Noites Azuladas de Castelo Branco. O álbum “Triskel” foi lançado em Maio de 2022.

Paralelamente ao seu projecto, faz parte da banda do cantor Salvador Sobral desde 2015, com quem já gravou cinco discos, e é também membro dos grupos do pianista Júlio Resende, João Barradas Trio, Eduardo Cardinho Quinteto, Samuel Lercher Trio ou Ricardo Pinto Quinteto. Já actuou em múltiplos festivais internacionais de jazz, nomeadamente no Jazzaldia, Festival Noches del Botánico e Cadiz Jazz Festival, Festival Au Fil des Voix, Reset Jazz Festival, Jazzfestival Münster e Jazzahead, Sopot Jazz Festival, Jazzkar e Kaunas Jazz. Em Portugal, é presença habitual nos festivais de jazz, com destaque para o Funchal Jazz e o Seixal Jazz. Já partilhou palco com músicos como Perico Sambeat, Greg Osby, Alexi Tuomarila, Seamus Blake, Marc Miralta, Theo Ceccaldi, Abe Rabade, Jeffery Davis, Xavi Torres, Ben Van Gelder, Roberto Negro e com os portugueses Mário Laginha, João Moreira, Afonso Pais e ainda André Fernandes.



ROMAN FEDIURKO

foto: Julia Wesely

Vencedor do 1º Prémio e Medalha de Ouro do prestigiado Concurso Internacional Horowitz em 2023, Roman Fediurko é considerado um dos maiores talentos emergentes do panorama internacional. Natural de Kiev, Ucrânia, Roman ingressou na Escola de Música Infantil Nº 21 em Kiev aos 5 anos de idade, na classe de Ghalyna Kotsjuba. Roman é laureado e bolseiro do programa Novos Nomes da Ucrânia da Fundação Ucrainiana de Cultura. É também bolseiro da Academia Internacional de Música no Liechtenstein. Em 2021, recebeu ainda a bolsa para jovens artistas do Presidente da Ucrânia. Actualmente, Roman está a estudar sob a orientação da Professora Milana Chernyavska na Universidade de Música e Artes Performativas de Graz, Áustria. Conquistou prémios em muitos concursos internacionais de piano, sendo os mais recentes o 1º Prémio no 10º Concurso Internacional de Piano Yamaha USASU em Tempe, Arizona, EUA (2023); o 1º Prémio no Concurso Robert Schumann para Jovens Pianistas em Düsseldorf, Alemanha (2023); o 1º Prémio e a Medalha de Ouro do Concurso Internacional para Jovens Pianistas em Memória de Vladimir Horowitz Kiev-Genebra, na Suíça (2023).

Roman já se apresentou na Salle Cortot, em Paris; Sala Gustav Mahler em Toblach; Sala de Música de Câmara da Beethoven-Haus, em Bona; Sala de Palestras do Kunsthaus Zürich; Sala Robert Schumann, em Düsseldorf, Alemanha; Victoria Hall, em Genebra; Villa Senar, em Hertenstein, Suíça; Sala de Concertos Aram em Goyang, Coreia do Sul, entre muitos outros palcos internacionais.

Roman actua, regularmente como solista, com orquestras de renome, como a Orchestre de la Suisse Romande, a Orquestra Filarmónica de Gyeonggi, a Kölner Kammerorchester, Orquestra Sinfónica de la Región de Murcia, a Orquestra Filarmónica do Estado da Boémia do Norte, a Orquestra Sinfónica Nacional da Ucrânia, a Orquestra Filarmónica do Estado de Târgu Mureş, trabalhando com maestros como Kirill Karabits, Hun-Joung Lim, Salvador Brotons, Christoph Poppen, Moritz Gnann, Jascha von der Goltz e muitos outros.

Os próximos destaques incluem várias estreias em recitais, em Utrecht, no Festival Busoni, na Elbphilharmonie, como parte de uma digressão por três cidades – em Hannover, Düsseldorf e Hamburgo – e no Festival de Música dos Capuchos.



ORQUESTRA METAMORPHOSEN

foto: Simon Pauley

A Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen” foi fundada em 2010 por dois músicos da elite internacional, a violinista Indira Koch e o maestro e violoncelista Wolfgang Emanuel Schmidt. Os músicos da orquestra são membros das principais orquestras de Berlim, reputados músicos de câmara ou vencedores de concursos internacionais, como o Concurso Internacional Tchaikovsky de Moscovo, o Concurso Internacional Lutoslawski de Varsóvia, o Concurso Internacional ARD em Munique, e o Concurso Internacional Rainha Elizabeth em Bruxelas.

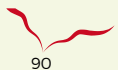
Desde a sua fundação, a Kammerphilharmonie Metamorphosen Berlin tem-se apresentado na Alemanha, Espanha e Suíça com solistas famosos, como Johannes Moser, Camille Thomas, Alban Gerhardt, Gary Hoffman, Jens Peter Maintz, Frans Helmerson, Julius Berger e Ivan Martin.

O compositor berlinense Helmut Abel compôs a obra “Concertino” para a orquestra, interpretada pelos solistas Indira Koch (violino) e Wolfgang

Emanuel Schmidt (violoncelo). Os Metamorphosen Berlin também realizaram a estreia mundial de “Lumière” de Sören Nils Eichberg, para dois violoncelos, liderados pelos solistas Frans Helmerson e Wolfgang Emanuel Schmidt em 16 de Novembro de 2017, por ocasião do 10º aniversário da morte de Mstislav Rostropovich na Konzerthaus Berlin.

Enjott Schneider foi o primeiro Compositor Residente em 2022 – cinco das suas composições foram dedicadas e estreadas pelos Metamorphosen Berlin na Philharmonie Berlin, Elbphilharmonie Hamburg e Konzerthaus Berlin.

A Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen” gravou três álbuns para a editora Sony Classical, com excelente recepção da crítica especializada. O primeiro CD, “Inspiration”, foi lançado em 2015, com obras de Dvořák, Suk e Victor Herbert. O segundo álbum, de 2017, é dedicado a obras para cordas de Tchaikovsky e foi premiado com o Melomano de Oro em Espanha. Em 2021, a Sony Classical lançou o terceiro álbum, “Very British”, com obras de Elgar, Warlock e Britten.



WOLFGANG EMANUEL SCHMIDT

foto: Simon Pauley

Wolfgang Emanuel Schmidt estudou com David Geringas, Aldo Parisot e Mstislav Rostropovich. Foi galardoado com o “Grand Prix de la Ville de Paris” no Concurso Internacional Rostropovich em Paris (vencendo também o prémio de música contemporânea), foi ainda premiado no Concurso Internacional Tchaikovsky em Moscovo e no Concurso Internacional de Violoncelo Leonard Rose nos EUA.

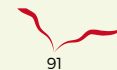
Wolfgang actua em todo o mundo com prestigiadas orquestras como a Gewandhausorchester Leipzig, Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, Orchestre de la Suisse Romande, NDR Radiophilharmonie, Orchestre Philharmonique de Radio France Paris, Staatskapelle Weimar, Tokyo Symphony Orchestra e Saint Paul Chamber Orchestra, sob a batuta de maestros como Gerd Albrecht, Hermann Bäumer, Jiri Belohlavek, Andrey Boreyko, Charles Dutoit, Gabriel Feltz, Rafael Frühbeck de Burgos, Marek Janowski, Nicholas Milton, Heinz Rögner, Donald Runnicles, Yutaka Sado, Michael Sanderling, Vassili Sinaiski, Heinz Wallberg e Hugh Wolff. Apresentou-se em muitas das salas de concerto mais prestigiadas do mundo, incluindo a Filarmónica de Berlim,

Filarmónica de Munique, Alte Oper de Frankfurt, Théâtre des Champs-Élysées, Théâtre du Châtelet, Wigmore Hall, Carnegie Hall, Alice Tully Hall, Kennedy Center em Washington, Suntory Hall em Tóquio e nos festivais Ravinia e Piatigorsky. Schmidt é também muito aclamado como maestro e liderou várias orquestras em todo o mundo.

É Director Musical e Maestro da Orquestra de Câmara de Berlim “Metamorphosen”, com a qual gravou três álbuns para a Sony, agraciados pela crítica especializada.

Como solista, gravou vários álbuns para a Sony, para a Solo Musica, como Cello Duello com o violoncelista Jens Peter Maintz, ganhando vários prémios, entre os quais Diapason d’Or, Melómano d’Oro e Preis der Deutschen Schallplattenkritik. Também se dedica à música de câmara e actua com artistas de renome como Lang Lang, Christoph Eschenbach, Emanuel Ax, Gil Shaham, Nicolaj Znaider, Leonidas Kavakos, Kyoko Takezawa, Miriam Fried, Edgar Meyer e David Shifrin. Wolfgang Emanuel Schmidt é Professor na Academia de Música Franz Liszt em Weimar e na Kronberg Academy.

Toca um violoncelo construído por Matteo Goffriller, que pertenceu a Hugo Becker.





DSCH SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado e dirigido pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH Schostakovich Ensemble é reconhecido como um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde o início da sua actividade, o Schostakovich Ensemble é um *ensemble* de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência. O DSCH Schostakovich Ensemble deve o seu nome ao célebre compositor russo Dmitri Schostakovich, numa homenagem prestada aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano de fundação do Ensemble. Desde então, o *ensemble* apresentou-se em várias temporadas e festivais, em vários países europeus, nos EUA e na Austrália. O vasto repertório do Schostakovich Ensemble integra obras de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, incluindo compositores contemporâneos, como Sofia Gubaidulina, com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração. Ao longo dos seus quase 20 anos de existência, o Schostakovich Ensemble tem contado com a participação de muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo, como os violinistas

Benjamin Schmid, Corey Cerovsek, Esther Hoppe, Liza Ferschtman, Jack Liebeck, Tedi Papavrami, Renaud Capuçon e Stephan Picard, os violetistas Lars Anders Tomter, Isabel Charisius, Gérard Caussé e Miguel da Silva, os violoncelistas Adrian Brendel, Christian Poltéra, Gary Hoffman, Kyril Zlotnikov e Quirine Viersen, os contra baixistas Tiago Pinto-Ribeiro, Matthew McDonald e Janne Saksala, as flautistas Emily Beynon, Silvia Careddu e Adriana Ferreira, os oboístas Ramón Ortega e Jonathan Kelly, os clarinetistas Pascal Moragués e Michel Portal, os cantores José van Dam e Anna Samuil e os pianistas Eldar Nebolsin, Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros. Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH - Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco, Eurico Carrapatoso e Andreia Pinto Correia foram distinguidos, respectivamente, em 2019, 2021 e 2023. A discografia do Schostakovich Ensemble inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional.



CAROLIN WIDMANN

foto: Lennard Ruehle

Carolin Widmann é considerada uma das grandes violinistas dos nossos dias. Nasceu em Munique e estudou com Igor Ozim em Colónia, Michèle Auclair em Boston e David Takeno na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. A sua diversificada actividade inclui os grandes concertos clássicos, a estreia de novas obras escritas especialmente para ela, recitais a solo e de música de câmara, incluindo interpretações em instrumentos de época. Recebeu o Prémio do Estado da Baviera para a Música, em 2017, e foi também distinguida com o International Classical Music Award pelas suas gravações dos Concertos para Violino de Mendelssohn e de Schumann, com a Orquestra de Câmara da Europa (ECM, 2016). Foi também nomeada “Músico do Ano” no International Classical Music Awards 2013. Carolin Widmann colabora com as principais orquestras mundiais, tais como Berliner Philharmoniker, Orchestre de Paris, Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Royal Stockholm Philharmonic, Seattle Symphony, Sydney Symphony, Deutsches Symphonie Orchester Berlin, Leipzig

Gewandhaus, Tonhalle Orchester Zürich, BBC Symphony Orchestra, NDR Elbphilharmonie Orchester, sob a direcção de maestros como Simon Rattle, Riccardo Chailly, Roger Norrington, Edward Gardiner, Sakari Oramo, Vladimir Jurowski, Marek Janowski, Christoph von Dohnányi ou Pablo Heras-Casado. Apresenta-se com regularidade em prestigiados festivais como os de Berlim, Salzburgo, Lucerna ou Ravinia. No domínio da música de câmara, apresenta-se regularmente em importantes palcos como Wigmore Hall, Bozar (Bruxelas), Festival de Baden-Baden ou Alte Oper Frankfurt. No Festival Mozart de Salzburgo e na Elbphilharmonie Hamburg, participou em concertos coreografados por Sasha Waltz. Os seus álbuns dedicados às sonatas de Schubert e Schumann foram distinguidos com o Diapason d’Or e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã. Desde 2006, é professora de violino na Universidade de Música e Teatro de Leipzig Felix Mendelssohn-Bartholdy. Carolin Widmann toca um violino Giovanni Battista Guaragnini de 1782.



LILLI MAIJALA

foto: Eduardus Lee

Uma das violetistas mais requisitadas internacionalmente da actualidade, Lilli Maijala é directora da cátedra de Viola na famosa Academia Sibelius em Helsínquia desde 2011, e, simultaneamente, tem-se apresentado regularmente como solista e música de câmara nos principais palcos europeus.

Apresentou-se como solista com diversas orquestras, incluindo a Filarmónica de Helsínquia, Orquestra de Câmara da Lapónia, Orquestra Filarmónica de Tampere, Orquestra Sinfónica de Lahti, Camerata Salzburg, Folkwang Kammerorchester Essen e Tapiola Sinfonietta, com maestros como Nathalie Stutzmann, Santtu-Matias Rouvali e John Storgårds.

Fez a estreia mundial do Concerto para Viola de Lauri Kilpiö com a Jyväskylän Sinfonia em 2013. As suas últimas gravações incluem o Concerto para Viola, Contrabaixo e Orquestra de Câmara de Pehr Henrik Nordgren e o Concerto para Viola de Peteris Vasks (com a Orquestra de Câmara de Tallinn), ambos sob a regência de Juha Kangas. Foi laureada em inúmeros concursos internacionais, incluindo o Concurso ARD de Munique, o Concurso Nórdico

de Viola e o Concurso Internacional Viola Space Tokyo. Em 2003, ganhou o primeiro prémio no Klassik Festival Ruhr, realizado em conjunto com várias academias de música de toda a Europa. Actualmente radicada em Amsterdão, Lilli divide seu tempo entre vários projectos internacionais, como West Cork Chamber Music Festival, IMS Prussia Cove, Festival Resonances, Peasmarsh Chamber Music Festival, Oslo Kammermusikkfest, Musikdorf Ernen e Delft Chamber Music Festival. Anteriormente, Maijala foi membro do aclamado *quartet-lab*, com o violoncelista Pieter Wispelwey e os violinistas Patricia Kopatchinskaja e Pekka Kuusisto, e actualmente é membro do recém-fundado Valo Quartet.

Após ter estudado na Alemanha e Escandinávia, com Diemut Poppen e Lars Anders Tomter (entre outros), Lilli tem agora a oportunidade de participar activamente na formação de uma nova geração de violetistas. Em Setembro de 2023, foi nomeada Professora de Viola na Universidade de Artes de Zurique. Maijala toca principalmente uma viola Jean-Baptiste Vuillaume de 1870, cedida pela Fundação Cultural Finlandesa, bem como uma viola barroca.



CHRISTIAN POLTÉRA

foto: Nikolaj Lund

Um dos mais requisitados violoncelistas da actualidade, Christian Poltéra nasceu em Zurique.

Foi discípulo de extraordinários professores, como Boris Pergamenschikow e Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena. Como solista, toca frequentemente com as grandes orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, tendo trabalhado sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner, entre outros.

Dedica-se também intensamente à música de câmara, em parceria com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam,

e com os Quartetos Auryn e Zehetmair. Juntamente com o violinista Frank Peter Zimmermann e o violetista Antoine Tamestit, Christian Poltéra fundou e integra o famoso Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa.

Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração, um projecto da BBC Radio 3.

É convidado regular dos festivais mais prestigiados – como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena – e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. Christian Poltéra é Professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna. Toca com o famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, de 1711.





TIAGO PINTO-RIBEIRO

foto: Rita Carmo

Tiago Pinto-Ribeiro nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Mais tarde, ingressou na Universidade das Artes de Berlim, UdK, onde estudou com o Professor Michael Wolf e concluiu o mestrado e o diploma artístico em Contrabaixo. Ao longo do seu percurso, foi laureado em diversas ocasiões, tendo obtido uma menção honrosa no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston, EUA, e vencido o 1º Prémio no Concurso Internacional “Júlio Cardona”, na Covilhã. Tiago integrou algumas das melhores orquestras mundiais, como é o caso da Orquestra Sinfónica NDR de Hamburgo, Orquestra Sinfónica de Berlim, Orquestra Filarmónica NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da Galiza, entre outras, onde trabalhou

com maestros consagrados, como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach.

No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH - Schostakovich Ensemble e toca frequentemente, em Portugal e em vários países europeus, com músicos consagrados como Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu e o seu irmão Filipe Pinto-Ribeiro.

Actualmente, Tiago Pinto-Ribeiro é contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Professor de Contrabaixo e de Música de Câmara na Universidade de Aveiro.

CONVERSAS PRELÚDIOS VISITA CAMINHADA MASTERCLASSES

■ CONVERSAS DOS CAPUCHOS ■

Se há efeméride a merecer atenção especial, em 2024, essa será sem dúvida a dos 500 anos do nascimento do maior poeta de língua portuguesa: Luís Vaz de Camões. A identidade portuguesa foi em grande medida forjada nos dez Cantos de “Os Lusíadas”. Mesmo tendo em conta as mudanças de sensibilidade entretanto ocorridas, “o engenho e a arte” do Poeta faz com que continuemos a identificá-lo com o idioma em que nos exprimimos, “a língua de Camões”.

No rol de efemérides a que dedicaremos uma das sessões das Conversas dos Capuchos, temos este ano o centenário do nascimento de Sebastião da Gama, poeta da Arrábida e precursor de uma sensibilidade ambientalista muito à frente do seu tempo.

O ano de 2024 é também o ano em que se assinala o centenário da morte de um dos grandes visionários da literatura do século XX. De tal modo que mesmo quem nunca o leu está familiarizado com o adjetivo criado a partir do seu nome incontornável e da obra que nos deixou: todos sabemos o significado da palavra “kafkiano”, gerado a partir do nome de Franz Kafka; talvez não haja melhor forma de homenagem a uma obra literária do que esta implantação na linguagem comum.

A partir destas três efemérides teremos três encontros coloquiais, juntando a nossa curiosidade de leitores comuns ao saber de quem conhece bem a obra destes três notáveis criadores literários.

Carlos Vaz Marques
Curador e moderador das Conversas dos Capuchos

■ **01 JUNHO 18h00** Sábado **Conversa dos Capuchos 1** ■
O sobressalto de um adjetivo
no centenário da morte de Franz Kafka

Com Nuno Amado, José Gardezabal e Carlos Vaz Marques

■ **09 JUNHO 18h00** Domingo **Conversa dos Capuchos 2** ■
Engenho e arte de ser português
no quinto centenário de Luís Vaz de Camões

Com José Carlos Seabra Pereira, Maria Bochichio e Carlos Vaz Marques

■ **15 JUNHO 18h00** Sábado **Conversa dos Capuchos 3** ■
O espírito poético da Natureza
no centenário do nascimento de Sebastião da Gama

Com Viriato Soromenho-Marques, Alberto Manguel e Carlos Vaz Marques



Prelúdios dos Capuchos

■ **29 MAIO 18h00** 4ª feira || Teatro Municipal Joaquim Benite

Prelúdio dos Capuchos 1

Sobre ideias de Liberdade ao Longo da História da Música

Conversa pré-concerto com João Almeida e Filipe Pinto-Ribeiro

■ **02 JUNHO 16h00** Domingo || Teatro Municipal Joaquim Benite

Prelúdio dos Capuchos 2

Sobre a Ópera “Na Colónia Penal”

Conversa pré-concerto com João Almeida e Miguel Loureiro

■ **08 JUNHO 16h00** Sábado || Convento dos Capuchos

Prelúdio dos Capuchos 3

Sobre a Liberdade de Recompôr

Conversa pré-concerto com João Almeida, Elsa de Lacerda e Pedro Sousa Silva

Visita dos Capuchos

09 JUNHO 16h00 Domingo || Convento dos Capuchos

Visita ao património histórico do Convento dos Capuchos pelo historiador Rui Mendes.

Caminhada dos Capuchos

15 JUNHO 10h00 Sábado || Convento dos Capuchos

Paisagem Protegida dos Capuchos: fauna, flora e geologia

Integrada na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, a envolvente do Convento dos Capuchos apresenta valores naturais importantes, que importa conhecer e valorizar. Participe numa visita guiada com os técnicos especializados e venha descobrir a fauna, flora e geologia existentes não só nos Jardins do Convento, mas também no Miradouro dos Capuchos, nas Terras da Costa e na arriba fóssil.

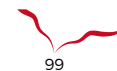
Masterclasses dos Capuchos

22 JUNHO 10h00 Sábado || Convento dos Capuchos

Violino: com Carolin Widmann, Professora na Universidade de Leipzig

Viola: com Lilli Maijala, Professora na Academia Sibelius de Helsínquia

Violoncelo: com Christian Poltéra, Professor na Universidade de Lucerna



INFOS ÚTEIS

info@festivalcapuchos.com
+351 938 941 224

Convento dos Capuchos
R. Miradouro Capuchos
Caparica

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Professor Egas Moniz
Almada

Auditório Fernando Lopes-Graça
R. Dom Francisco Xavier de Noronha
Almada

Bilhetes, assinaturas e descontos
bol.pt e nos locais habituais

festivalcapuchos.com

CALENDÁRIO GERAL

- 29 Maio 18h00 *Prelúdio dos Capuchos 1*
21h00 Concerto de Abertura
A Quinta Sinfonia de Beethoven
- 31 Maio 21h00 Em memória de António Mega Ferreira
Quadros de uma Exposição
- 01 Junho 18h00 *Conversa dos Capuchos 1 – Franz Kafka*
21h00 Recital de Piano – Elisabeth Leonskaja
- 02 Junho 16h00 *Prelúdio dos Capuchos 2*
18h00 Ópera de Philip Glass – *Na Colónia Penal*
- 07 Junho 21h00 Paganini Ensemble Vienna
Paganini – *A Liberdade do Virtuoso*
- 08 Junho 16h00 *Prelúdio dos Capuchos 3*
18h00 Arte Mínima – *Liberdade de Recompôr no séc. XVI*
21h00 Recital de Violino e Piano – *Canções Revolucionárias*
- 09 Junho 16h00 *Visita dos Capuchos*
18h00 *Conversa dos Capuchos 2 – Luís Vaz de Camões*
21h00 Juventus Ensemble – Schostakovich e Estaline
- 14 Junho 21h00 Júlio Resende e Fado Jazz – *Filhos da Revolução*
- 15 Junho 10h00 *Caminhada dos Capuchos*
18h00 *Conversa dos Capuchos 3 – Sebastião da Gama*
21h00 Recital de Piano – Chopin
- 16 Junho 18h00 Concerto de Encerramento
Orquestra de Câmara de Berlim
- 21 Junho 21h00 Pós-lúdio dos Capuchos
Schubert e Beethoven – *Espíritos de Liberdade*
- 22 Junho 10h00 *Masterclasses dos Capuchos*

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência

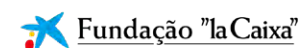


O Presidente da República

Apoio Institucional



Mecenas



Parceiros



Parceiros Media



Organização



EQUIPA

Organização
DSCH – Associação Musical

Director Artístico
Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo
Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes
Rosa Maria Barrantes e Tiago Pinto-Ribeiro

Produção e Direcção de Cena
Ana Teresa Mota

Produção e Comunicação
Leonor Coelho e Mariana Silva Godinho

Assistente de Produção e de Direcção de Cena
João Mendes

Imagem Gráfica do Festival e Catálogo
António Afonso e Rita Carmo {Espanta Espíritos design}

Site
AWD

Impresso por Belgráfica, Maio 2024



FESTIVALCAPUCHOS.COM